

Doze por Sete

Ilustrações

Bruno Maio
Catarina Silva
Inês Caldas
Pedro Ferreira
Rita Ravasco
Tiago Alves

Narrativas

Adelina Morais
Ana Horta
André Mâncio
Ângela Correia
Carolina Machado
Catarina Conde

Érica Fialho
Helena Gonçalves
Luís Silva
Madalena Pronto
Matilde Silva
Mélanie Pedreira

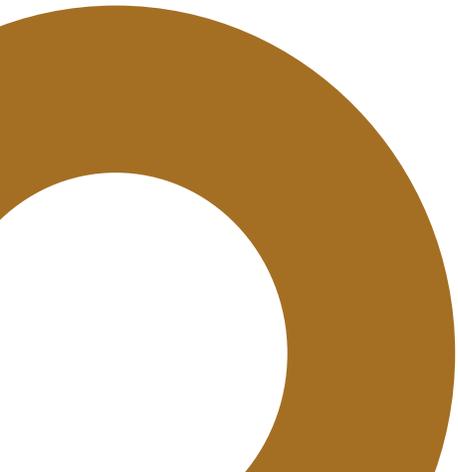
2016

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

Edição de Ângela Correia

Prefácio

Na primavera de 2016, encontrei-me na feliz circunstância de poder desafiar dois grupos de jovens criadores: um grupo de ilustradores e um grupo de escritores. Propus-lhes a experiência de invertermos a ordem natural das coisas, na relação entre a escrita e a ilustração. Ou seja, que em vez de entregarmos a escrita aos ilustradores, entregássemos as ilustrações aos escritores. Seis ilustradores entusiasmaram-se com o projeto e dei-lhes total liberdade no recurso a linguagens, materiais, formas, cores... Uma das ilustradoras propôs duas imagens, pelo que me chegaram ao todo sete ilustrações em busca de textos. Logo as apresentei à minha turma de Escrita Criativa, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Durante um semestre, dedicámo-nos ao projeto, refletindo sobre a arte verbal em relação com a imagem; escrevendo, reescrevendo, ensaiando diversas técnicas de confronto, articulação, distanciamento, criação em diálogo com as imagens. Ouvimos os escritores Mário de Carvalho, Adília Lopes e Pedro Mexia que generosamente nos vieram falar dos seus processos criativos.



Todas as ilustrações inspiraram múltiplos textos, exceto uma das imagens da Rita Ravasco, que deu origem a uma única narrativa. E muito me entristece não a ver incluída neste livro, porque é um texto excelente. Gosto de imaginar que a autora anda pelo mundo em longa viagem, porque nunca respondeu às minhas mensagens sobre a presente publicação. Sem a necessária autorização, não foi possível publicar o único texto inspirado na segunda imagem da Rita Ravasco. Esta circunstância deixava uma imagem sem texto, e eu não queria excluir nenhuma das sete imagens, nem deixar nenhuma muda. Decidi, por esta razão, escrever eu mesma uma narrativa para aquela imagem, e juntar-me assim ao grupo de autores.

Todos os outros textos neste livro são uma seleção das narrativas desenvolvidas ao longo do semestre que terminou com a chegada do verão de 2016. Acredito que, neste conjunto, estão as vozes do futuro, e este livro publica-se na esperança de que elas sejam ouvidas, antes mesmo de o futuro chegar.

Ângela Correia

Índice

Ilustração de Inês Caldas
Esboço n.º 9 | Helena Gonçalves
Microsegundo | Catarina Conde

Ilustração de Rita Rovasco
Diz lá o meu nome! | Adelina Morais
Sofia e os três macacos | Luís Silva

Ilustração de Rita Rovasco
«Adoros» | Ângela Correia

Ilustração de Tiago Alves
Duelo | Matilde Silva
E ai de ti que fumes! | André Mâncio

Ilustração de Pedro Ferreira
Por um triz não é futuro | Ana Horta

Ilustração de Catarina Silva
O rato | Madalena Pronto
Querido Filho | Carolina Machado

Ilustração de Bruno Maio
Só | Érica Fialho
O mar de rosas | Mélanie Pedreira

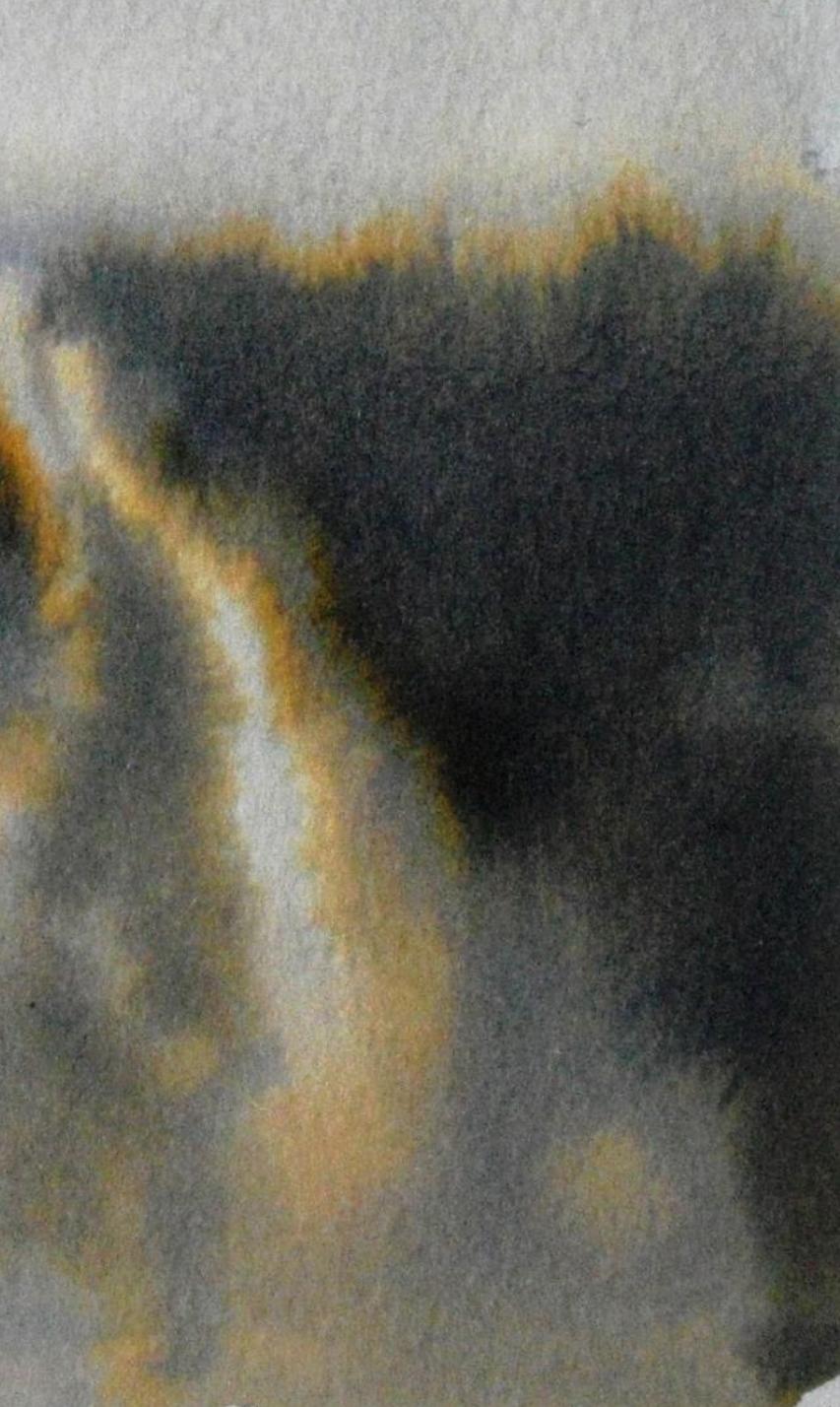




Esboço n.º 9 | Helena Gonçalves

Microsegundo | Catarina Conde

Inês Caldas



Esboço n.º 9

Ilustração de Inês Caldas | Narrativa de Helena Gonçalves

– Bom dia, avó, trouxe-te o pequeno-almoço.

Silêncio. Eva pousa a bandeja sobre o soalho de madeira para abrir a janela do quarto. Lá fora, os sons da cidade, o céu azul, o cheiro a terra nos legumes do mercado, os passos apressados, as chávenas de porcelana umas contra as outras no café ao lado.

Fecha a janela. Deseja bombardear a avó com todas as perguntas que deixou por fazer na infância. Em cima da mesa de cabeceira, jaz o eterno testamento por acabar. Todos os dias risca-o e rabisca-o na tentativa de encontrar a forma mais bonita de partir. Mas com tanto tempo para partir, poucas são as palavras que

encontra. Eva quer abraçá-la como quem abraça uma ideia. Mas a avó gosta das coisas a uma certa distância.

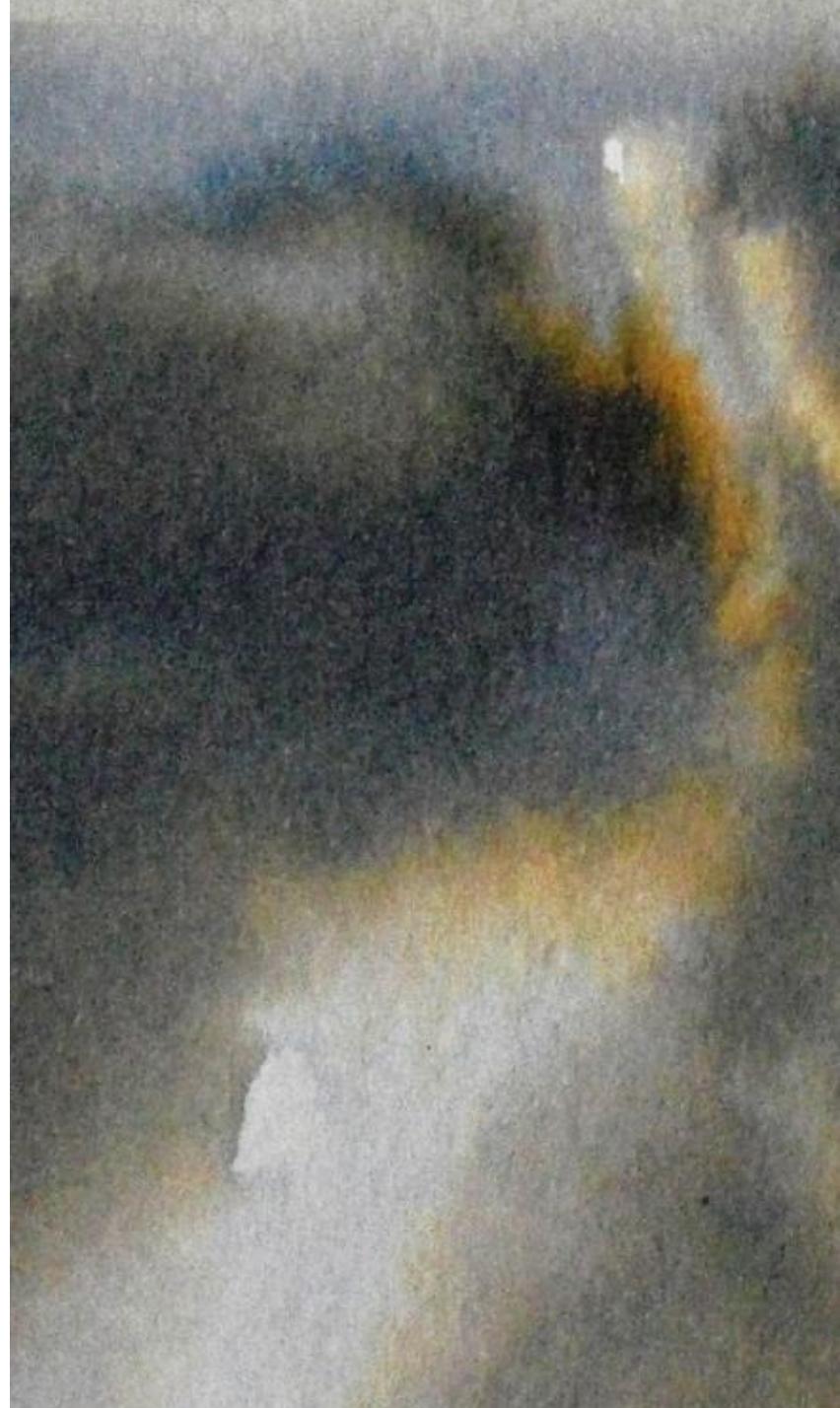
– O teu avô...

Eva apressa-se a olhá-la nos olhos, como uma criança quando quer muito ouvir uma história antes de ir para a cama. Mas a avó logo adormece de torrada na dentadura e mão ao peito.

Contempla a luz que incide sobre todas as flores no quarto. O espaço reina.

Volta a abrir a janela. O mercado fechou. Passa uma rajada de vento que leva algumas folhas secas no regaço. As ruas estão desertas. Ecoam por ali pequenos sons de talheres a rapar pratos. Eva imagina a pauta onde escreverá a composição. Fecha a janela. Recolhe a torrada e a bandeja.

Colhe algumas pétalas de flores púrpuras e barra-as nas torradas a fumegar. A avó delicia-se com as memórias que a cor lhe traz.

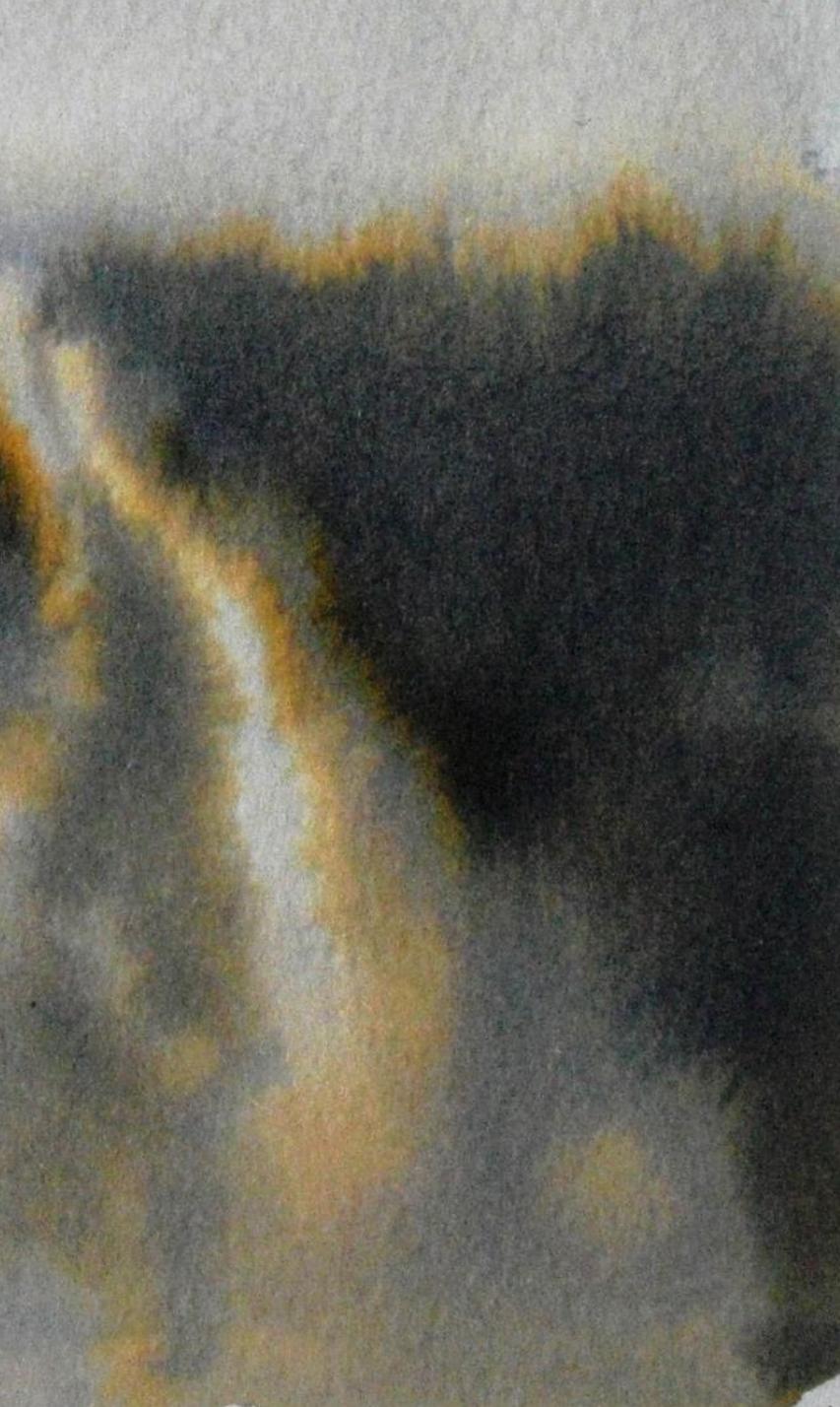




– Leva também estes papéis e deita-os fora.

Mais memórias soltas. Mais desejos inacabados daquilo que gostaria de deixar ao seu pequeno mundo. Eva executa. No guardanapo, ainda com restos de flores púrpuras, lê: “O Qui fez do meu coração o meu deserto”.

Eva sobe a escada e abraça-a, enquanto ela cai como pó entre braços.



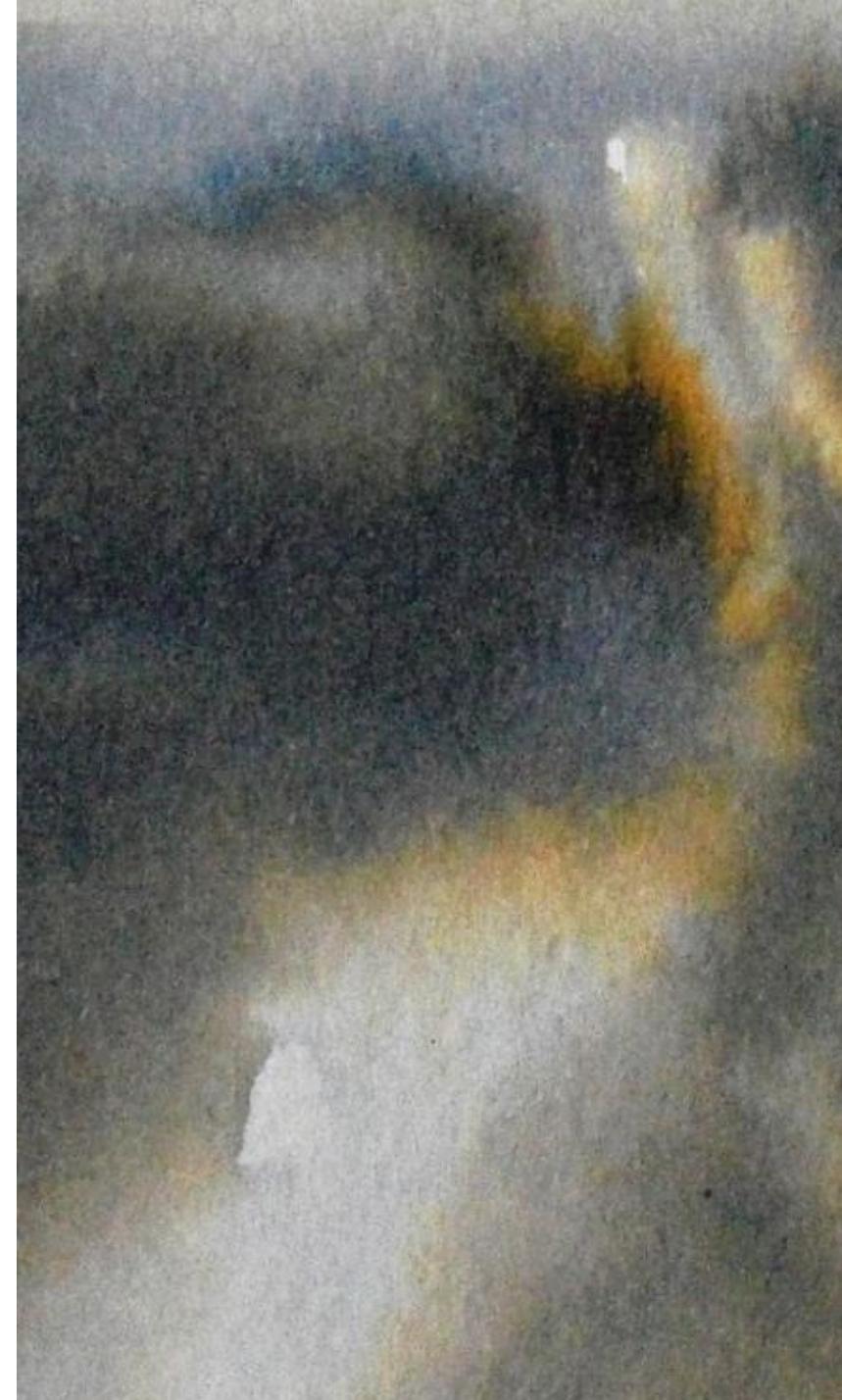
Microssegundo

Ilustração de Inês Caldas | Narrativa de Catarina Conde

É uma sensação estranha. Parece que o tempo para e tudo fica estático, imóvel. Sempre pensei que seria como nos filmes, um *flashback* dos acontecimentos mais importantes da nossa vida. Mas a mim não me ocorreu nenhum momento da minha infância ou adolescência. O meu único pensamento foi uma interrogação sobre como poderia escapar à situação. É impossível. E se ela conseguisse virar para outro lado? Impossível: bateria nas árvores. E se ela tentasse dar a volta? Impossível: a estrada tem sentido único. Talvez se ela conseguisse travar a tempo? Impossível: vai demasiado depressa.

É inevitável. Começo a aceitar o meu destino. Nunca pensei que aconteceria assim. Sempre me imaginei a crescer e a amadurecer; a constituir e a criar família;

a envelhecer. Então, em vez de reviver as coisas que tinha experimentado, começo a imaginar o que poderia ter feito e, depois, a interrogar-me sobre se poderia ter evitado estar ali, naquele preciso momento. Talvez... Talvez se tivesse acordado cinco minutos mais cedo, não tivesse perdido o autocarro. Se não tivesse perdido o autocarro, a minha irmã não teria tido de me levar à escola de carro e, se a minha irmã não estivesse a levar-me à escola, não estaríamos naquele preciso momento naquela precisa estrada. É uma sensação estranha. Dou por mim a fazer contas e a reviver ações, a tentar encontrar uma explicação para estar ali naquele momento. Poderia estar em todos os lugares possíveis, mas o destino quis que, naquela manhã, eu estivesse naquela estrada. Tantos pensamentos, tantas palavras, gargalhadas e lágrimas, tantos abraços que poderia dar ao meu pai, tantas conversas que poderia ainda ter com a minha mãe. Tantos momentos que poderia viver, se ao menos não estivesse naquela estrada. É injusto.





O tempo continua imóvel, mas sinto que estou cada vez mais perto do desfecho. É uma sensação estranha. Sinto que me estou a repetir. Inevitavelmente, adio o momento. Porquê eu? Tanta vida pela frente e eu não vou poder aproveitá-la. O final está próximo, o tempo está a descongelar, a velocidade está a voltar ao normal e eu não estou pronta para que isto acabe. Fecho os olhos e espero pelo embate? Será melhor mantê-los abertos e observar o que me vai acontecer? E agora?

O tempo esgota-se. Sinto a mão da minha irmã no meu pulso e neste preciso momento tudo volta ao normal, o tempo já não está congelado, o relógio volta a marcar as horas, o carro volta a andar, e a última imagem que recebo é a dos faróis do carro que vem contra o nosso. Depois, fica tudo negro.

Mas voltei a abrir os olhos e a ver o mundo. É engraçado como o destino funciona, como nos está sempre a pregar partidas. É incrível como apenas consegui pensar no meu final, na injustiça que me estava a ser feita... por momentos até pensei no outro condutor e no que estaria a passar-se pela cabeça dele. Em nenhum momento me

passou pela cabeça o que a minha irmã estaria a pensar e a sentir naqueles microssegundos antes da colisão.

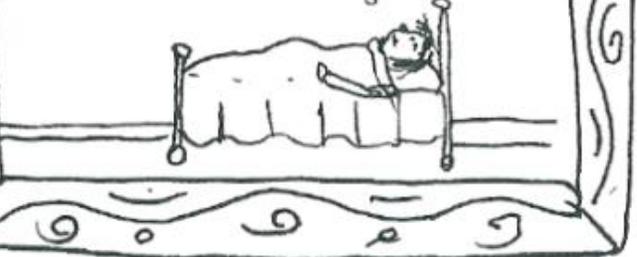
O destino. Aquela estrada tinha um não sei quê de especial; naquela manhã, tinha de levar alguém para junto dela. A minha irmã foi a escolhida.





Por um triz não é futuro | Ana Horta

Pedro Ferreira



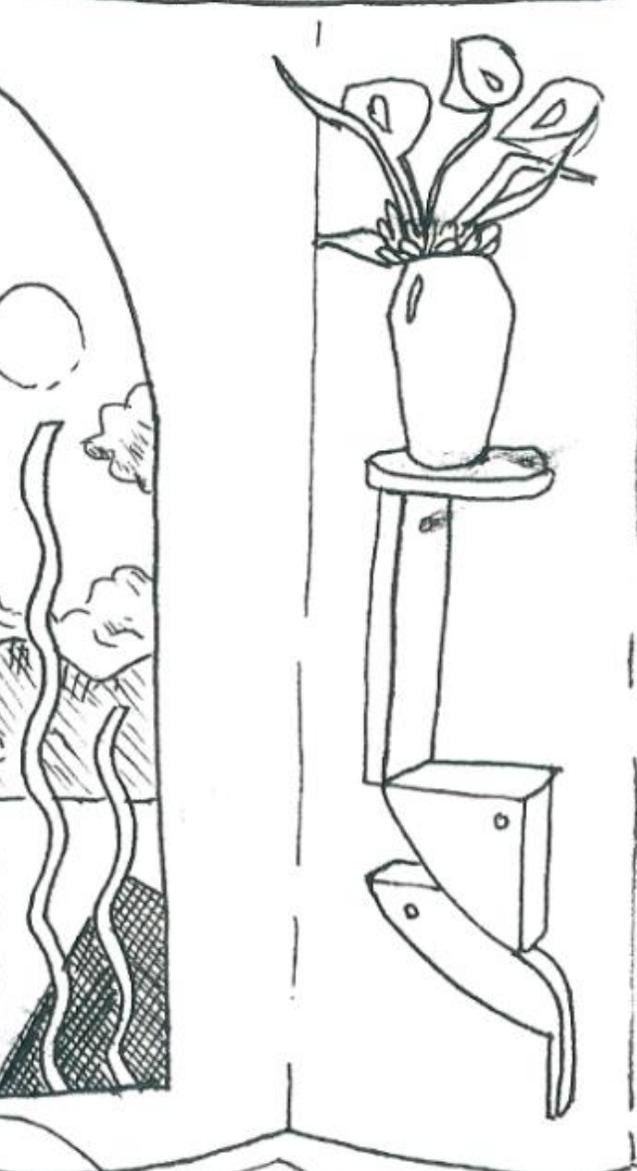
Por um triz não é futuro

Ilustração de Pedro Ferreira | Narrativa de Ana Horta

- Não me deixes ir esta noite.
- Estás mesmo atrás de mim.

«O caos é uma ordem por decifrar»¹, já dizia o outro; eu rodopio no caos que me provocas, produzo a poesia da musa que me possui. Dou por mim numa das tuas aparições como gostas de as fazer; vens em pose, como se soubesses de antemão o que me fazes à atenção. Confusão nos olhos, no cabelo, na roupa, nas cores, ou ausência delas dado que a cor não existe, o que existe é a reflexão da luz. Sem espelho para mim, por favor. Sim tenho-os em casa. Não, não quero olhar. Parem de dizer para olhar para eles, ainda os parto a todos em dois. Não aos espelhos, a vocês, fantasmas.

¹José Saramago, *O Homem Duplicado*



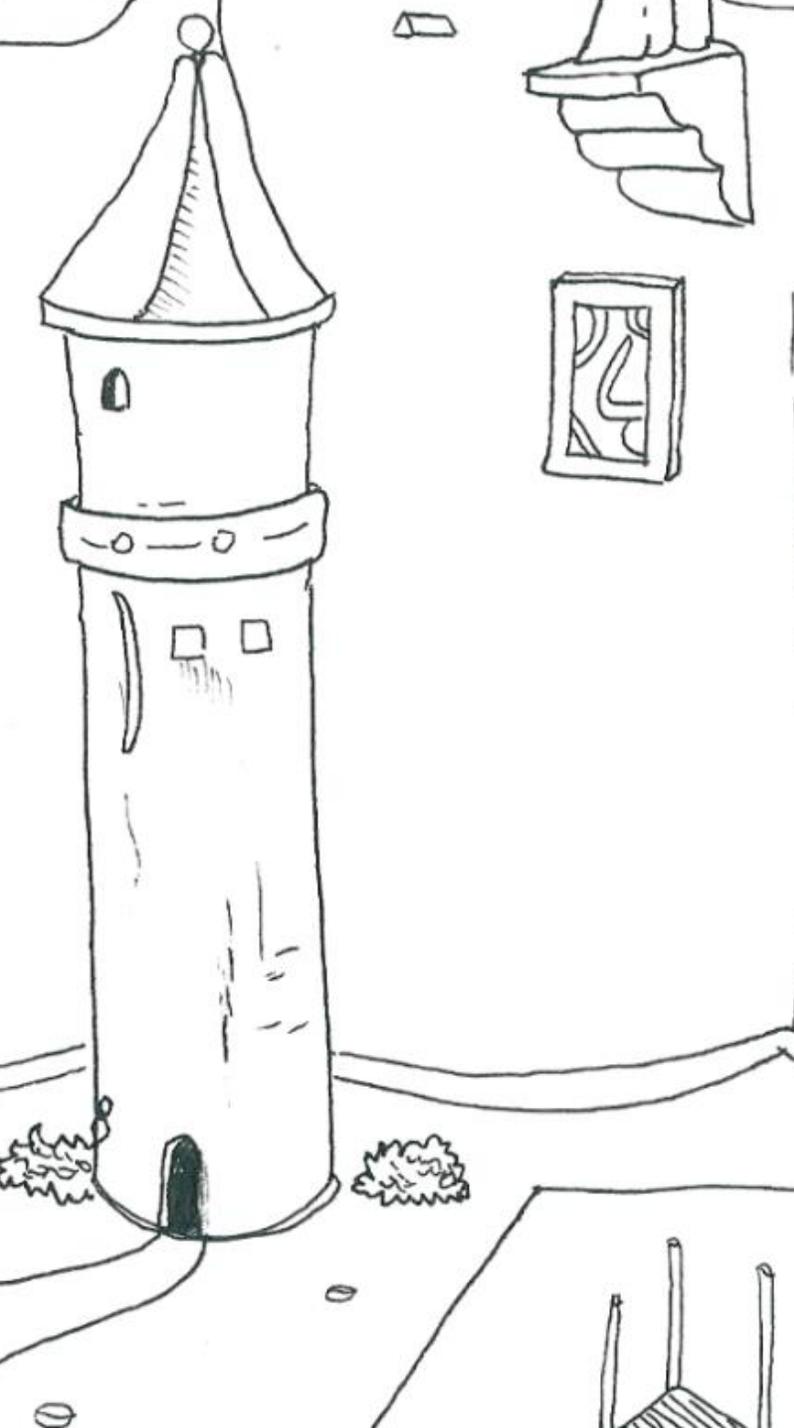
Aqui estou, frémido de mim, num desregramento que se reflete na minha habitação elevada ao estatuto de gruta. Cavernoso, alimentei-me em tachos e frigideiras, esgotei a louça dos armários, ainda usei talheres e não abocanhei a gamela, é certo.

Quarto é dormitório: a cama alinhada à esquerda, cabeça para a porta e pés para a janela, o sol nasce-me nos pés; tudo alinhado. A sala é escritório, gabinete; é jardim onde me demoro a passar o algodão nas plantas; regulariza-me a inspiração, expiração; inalação, exalação. As paredes são colagens, recortes de viagens e deambulações noturnas sem sair do mesmo retângulo; são as recordações de clarões que nos vestiam e despiam com as mesmas roupas tal e qual iguais. Uma perfeição tal. A memória que nunca se apaga, e assalta ao menor ressalto, uma janela que se abre. Nem espreitas; ninguém abre uma janela quando não quer olhar por ela.

– Porque é que ainda vens aqui regozijares-te da pele que ficou; a minha perdição de ir encontrando, e nem saber o que fazer do que vou encontrando?

Pratos limpos, é preciso ir lavando a louça, quanto mais tempo passa mais incrustadas ficam a gordura e a sujidade. Depois custa passar e ver a louça suja, fui





eu que a usei. Fui eu que a parti. E mesmo quando não fui eu, foi partilhada. Se gostei da partilha, o mínimo que posso fazer é deixar os pratos limpos; é assim que se faz. Vieste tarde, tenho pratos para limpar e não são os meus; aprende: é sempre em frente, chegarás a um sítio diferente. Não consigo tirá-la da minha cabeça. Cala-te, coração, às vezes o delírio ilude, o ócio promove o conhecimento.

– Entre riscos e borrões, o peso das almas passadas agarrou-me. Vim deslaçar a carne. Carne morta, podre, o melhor é arrancar. Traças, eu tenho traças. – E a naftalina entrou-lhe na casa, em toda quanta pele havia para agarrar. As drogas eram então uma resposta racional à insanidade, assim os ludibriava, como se contasse histórias de princesas e dragões a miúdos, antes de irem para a cama.

– Ainda te pedi que não me deixasses ir. – disse-lhe ele, enquanto a enlouquecia às voltas no gabinete, como gostava de lhe chamar.

Sem palavras. A amargura apanhou-me. A menina que se tornou limão. Pensava ela sentada no banco; não era de jardim, era o do centro do caos da gruta do homem-forma que a possuía a ela, um alguém vegetal, de caule verde contudo,

um tálamo recetáculo da natureza, pensava no microcosmos que a rodeava. O macrocosmos do interior do seu crânio não lhe dava descanso. Triângulos: a forma a orientar; a janela estava aberta. Pousar é a coisa mais frágil do mundo e ela mal aprendera a voar.

Ventrículo esquerdo, ventríloquo à direita, a sala não encheu. As visões podem ser erradicadas ao passo que os fantasmas surgem em qualquer instância.





Rita Ravasco

Diz lá o meu nome! | Adelina Morais

Sofia e os três macacos | Luís Silva



Diz lá o meu nome!

Ilustração de Rita Ravasco | Narrativa de Adelina Morais

Aproximou-se da secretária e escreveu o nome dele numa folha A4 branca em letras de imprensa, garrafais. Colocou-a à frente dela e repetia «Diz lá o meu nome! Diz lá o meu nome!». O olhar dela alternava entre o papel e o rosto dele, com a expressão de quem ignora os códigos a decifrar. Ele, paciente, ia insistindo dia após dia. «Repete lá comigo», dizia-lhe com doçura – e ia soletrando letra a letra «A... AL...». Ela olhava, incrédula. Mas ele não desistia: mantinha uma semente de esperança. Acariciava-lhe o rosto e chamava-lhe «minha princesa»...

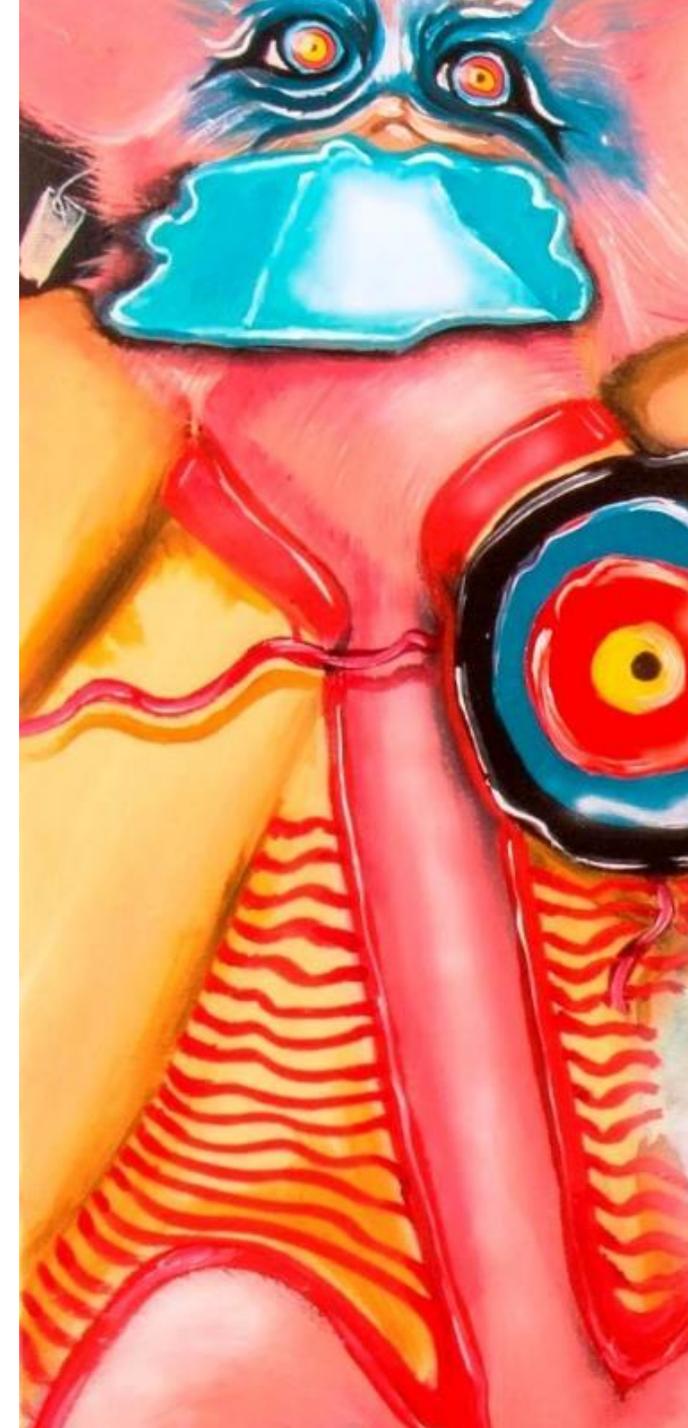
As noites eram mais turbulentas, porque ela queria dormir com luz, o negrume era como uma venda que a assustava. Ele preferia a escuridão. Foi difícil encontrar o equilíbrio. Compraram uma luz de presença, que a acalmou, mas a ele incomodava. Durante a noite velava-a. Cobria-a quando se destapava, e ela, incapaz de gerar palavras, de construir e

articular frases, zangava-se, esperneando e emitindo uma ladainha ininteligível. Ele, porém, impunha a sua supremacia, alegando a possibilidade de doença. A presença da empregada acabava por acalmá-los.

Quando se lembrava do hábito que ela tinha de rezar o terço a Nossa Senhora, dizia-lhe «Eh! Vê lá se ela se lembrou de ti!». Outras vezes, atirava-lhe, em tom jocoso: «Então, louquinha?!»

Aquilo acontecera numa tarde como tantas outras em que se sentaram no escritório dele, onde não havia televisão. Gostavam de ir para ali à tarde nos dias de inverno, por ser mais quente. Sentavam-se lado a lado a conversar ou a dormir um pouco, sobretudo ele. Naquele dia, estavam em silêncio, quando ele sentiu a mão dela apertar-lhe o pulso. Rodou o corpo para a interrogar. Não obteve resposta. Olhar vago, corpo inerte, estava ali a seu lado, sem poder proferir palavra.

O medo alastrou no corpo do ancião. Momentaneamente desorientado, reagiu e ligou para o 112. Acorreram de lá, bem como os filhos, entretanto avisados. Levaram-na. Era um caso





de isquemia: um coágulo de sangue que lhe estrangulara o cérebro. Durante um período de tempo, a situação poderia reverter-se; recomendaram esperança.

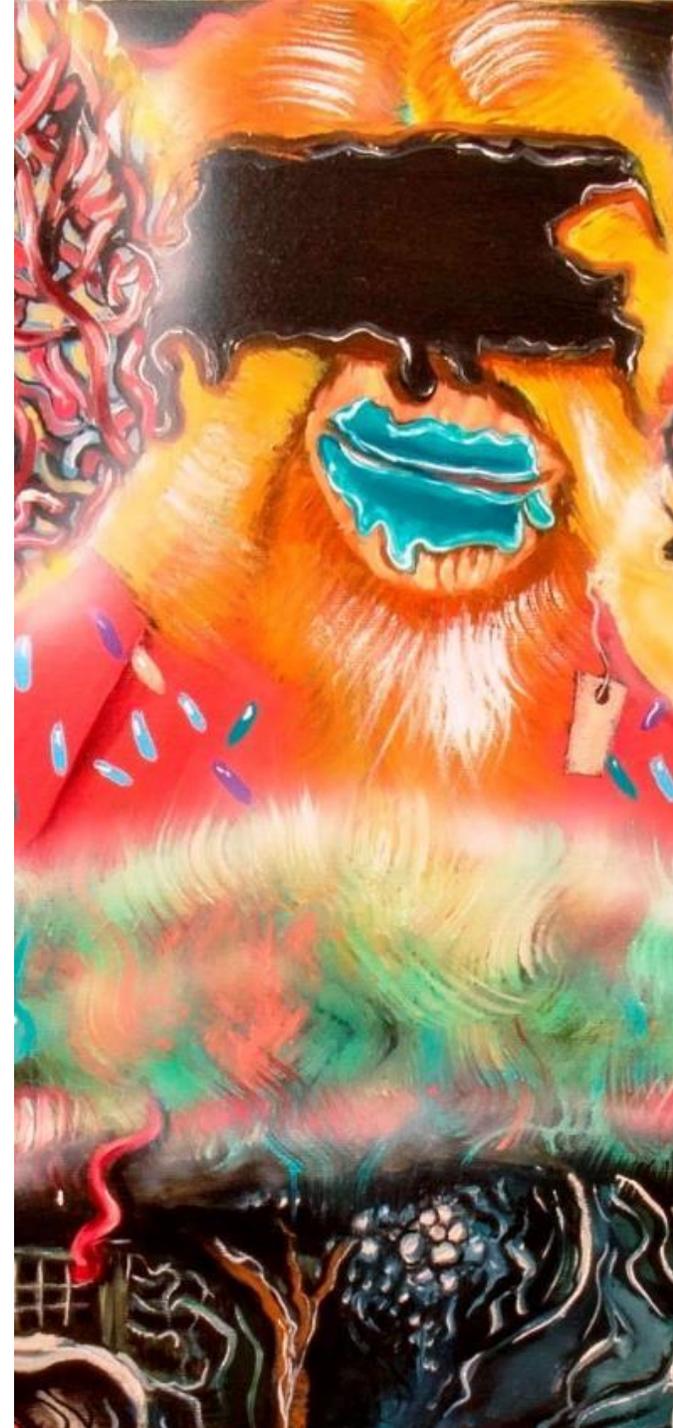
Não reagiu, suspeitou-se do pior. Regressou a casa estável, mas em situação irreversível. Esperava-a uma cama elétrica articulada e de grades. Outra ao lado para ele.

Até ali tinham vivido das parcas reformas e de acordo com uma organização quase monástica. Agora havia duas empregadas para cuidarem deles. Uma vivia lá em casa, cuidava deles de noite. A outra vinha substituí-la nas tarefas, pela manhã. Os filhos apoiavam-nos nas despesas, cuidavam deles nos fins de semana e feriados, visitavam-nos amiúde. Era tratada como um bebé, que se enfeita para dar o gosto de ver aconchegado, bonito e cuidado.

Um dia, o filho de Esmeralda disse-lhe «vou visitar a avó». No domingo seguinte, perguntou à mãe «o Tiago veio visitá-la?!». Os olhos, brilhantes, diziam que sim, a boca abria-se num largo sorriso, acenava afirmativamente. A filha disse-lhe «fica muito bonito de farda. Não fica?!». De novo, um sorriso de assentimento. Quando contou ao filho, ele confessou: «mãe, ainda não fui lá. Não tive tempo...».

O corpo, cada vez mais frágil, ressentia-se com os toques. Um dia, articulou um claro «não!». Renasceu a esperança. A notícia espalhou-se, alguns mostraram-se incrédulos. O marido esperou outra vez um milagre. Agarrado às grades da cama, tratou-a como a uma menina que haveria de desabrochar.

Mas um dia, soltou as mãos das grades, rodeou a cabeça com elas, largou um profundo suspiro e deixou escapar «Pois é... pois é...». De sobrolho carregado, ombros caídos, andar pesado e lento saiu do quarto parecendo um símio a abandonar um espetáculo insuportável. E foi sentar-se num canto da sala.





Sofia e os três macacos

Ilustração de Rita Ravasco | Narrativa de Luís Silva

Cego, Surdo e Mudo correram para a Sofia a chorar.

«Sofia», disse Surdo, «as aranhas são muito assustadoras... têm longas pernas... muitas pernas! São as coisas mais temíveis de se ver!»

«Eu cá não tive medo nenhum!» Disse Cego. «Só vim a correr porque *alguém* me trouxe de arrastão.»

«O Mudo informa que tu foste o primeiro a gritar quando eu exclamei ‘aranha!’...» «Não fui nada!», retorquiou Cego.

«Vocês são uns macaquinhos tontos! Não sabem que a única coisa que têm de fazer é espirrar?! Vocês são tão grandes e elas tão pequeninas, que o vosso espirro as leva pelo ar! Mostrem-me lá essa aranha, que eu mostro-vos como é.»

Ao chegarem à aranha, Sofia pegou numa ponta de cabelo com a qual provocou um espirro – e a aranha saiu a voar pelo ar.

Ao chegarem à aranha, Sofia pegou numa ponta de cabelo com a qual provocou um espirro – e a aranha saiu a voar pelo ar.

«O que é que aconteceu?» perguntou Cego.

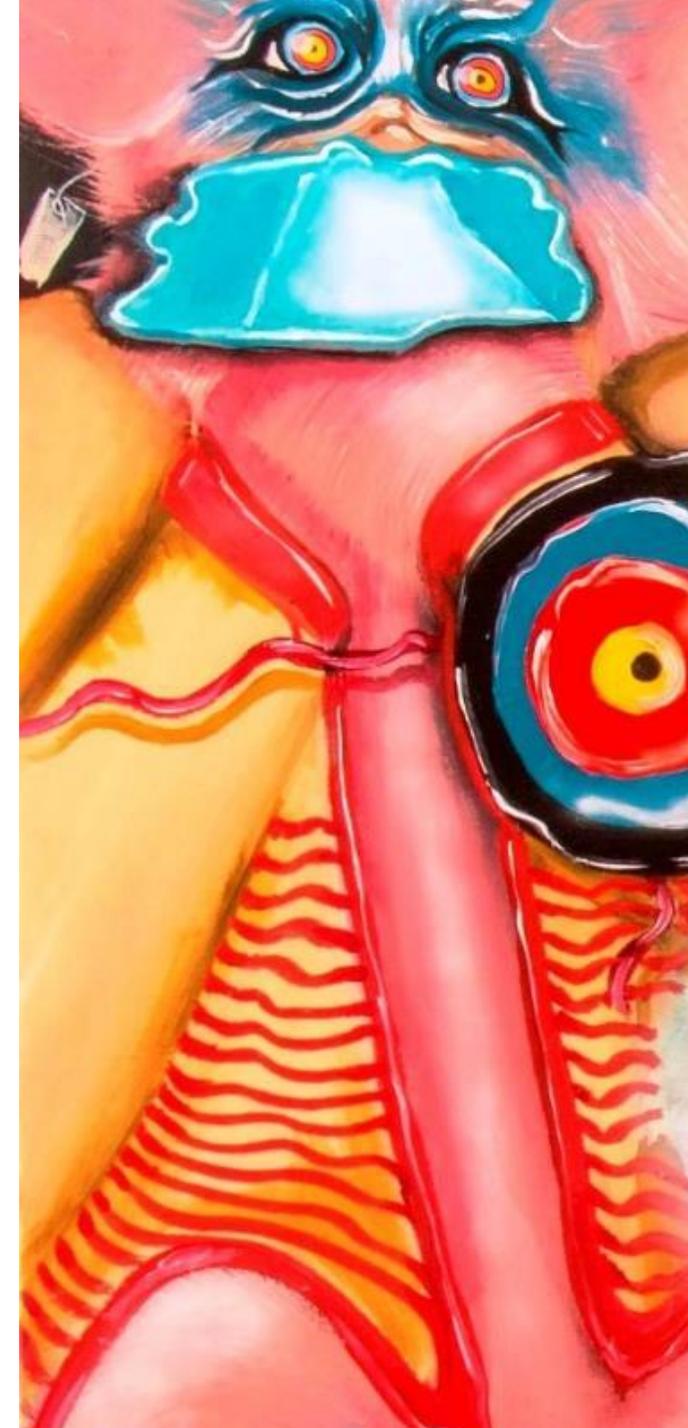
«A Sofia espirrou e a aranha desapareceu a voar», disse Surdo. «O Mudo tem razão: nós não temos cabelo comprido como o teu, como é que vamos espirrar?»

«Ora, é muito fácil. Esfreguem a vossa cauda no nariz.» Assim fizeram os três macaquinhos, após Surdo e Mudo alinharem a cauda de Cego com o nariz, e desataram aos espirros.

Dias mais tarde, iam os três a correr pela floresta, com Cego a reboque, quando viram uma minhoca. «Ah!» gritou Surdo. «O que foi? Outra aranha?», perguntou Cego. «Não, é uma minhoca!». Correram para Sofia. «Sofia, Sofia, as minhocas são tão frias...e sujas, são a coisa mais feia de se ver!»

«Ó meus lindos tontinhos! Mas vocês não sabem que só têm de abanar a cauda de um lado para o outro para a minhoca sair disparada?!».

«O Mudo tem razão; mostra-nos como é!», disse Surdo. «Ó palermitas, mas eu não tenho





cauda... Já sei! Façam como na música dos passarinhos. Vá, agora vão e afugentem a minhoca.»

Assim foram os três, tristes por Sofia não ter ido com eles. Quando chegaram à minhoca – e depois de colocarem Cego na posição certa –, prepararam-se para experimentar o que a Sofia lhes tinha dito.

«Vá, um, dois, três... Não! Temos de estar em sintonia!» disse Surdo. «Mais fácil dizer do que fazer.» Retorquiu Cego. «O Mudo tem razão! Temos de o fazer ao ritmo da música. Tu cantas, Cego.»

«Sou sempre eu a cantar!» disse Cego, corado. «Passarinhos a bailar, mal acabam de nascer com o rabinho a dar a dar, pio, pio, pio, pio.» Assim, os três abanaram as caudas em sintonia, e a minhoca foi pelo ar. Contentes, correram para Sofia, para contar esta aventura.

Posteriormente, estavam os três alegremente numa árvore, quando Cego pisou alguma coisa.

«Ai! Pisei uma coisa viscosa, o que é?»

«É o rasto de uma lesma! Está ali! Sim, Mudo, correremos para a Sofia.»

«Não, desta vez não!» disse Cego. «Não podemos recorrer sempre à Sofia. Pensemos no que fazer.»

«Mas, Cego, as lesmas são tão escorregadias... e ranhosas, são a coisa mais nojenta de se ver.» disse Surdo. «Tens razão...o Mudo diz para saltarmos no ramo, para cima e para baixo, até ela cair!». Depois de darem as mãos a Cego, começaram a saltitar no ramo, fazendo a lesma cair. Contentes, correram para Sofia para contar a aventura.

«Sofia! Sofia!» chamavam os três macaquinhos. «Estávamos os três num ramo a brincar de mãos dadas quando eu pisei alguma coisa viscosa e gritei: Ai! Pisei alguma coisa viscosa».

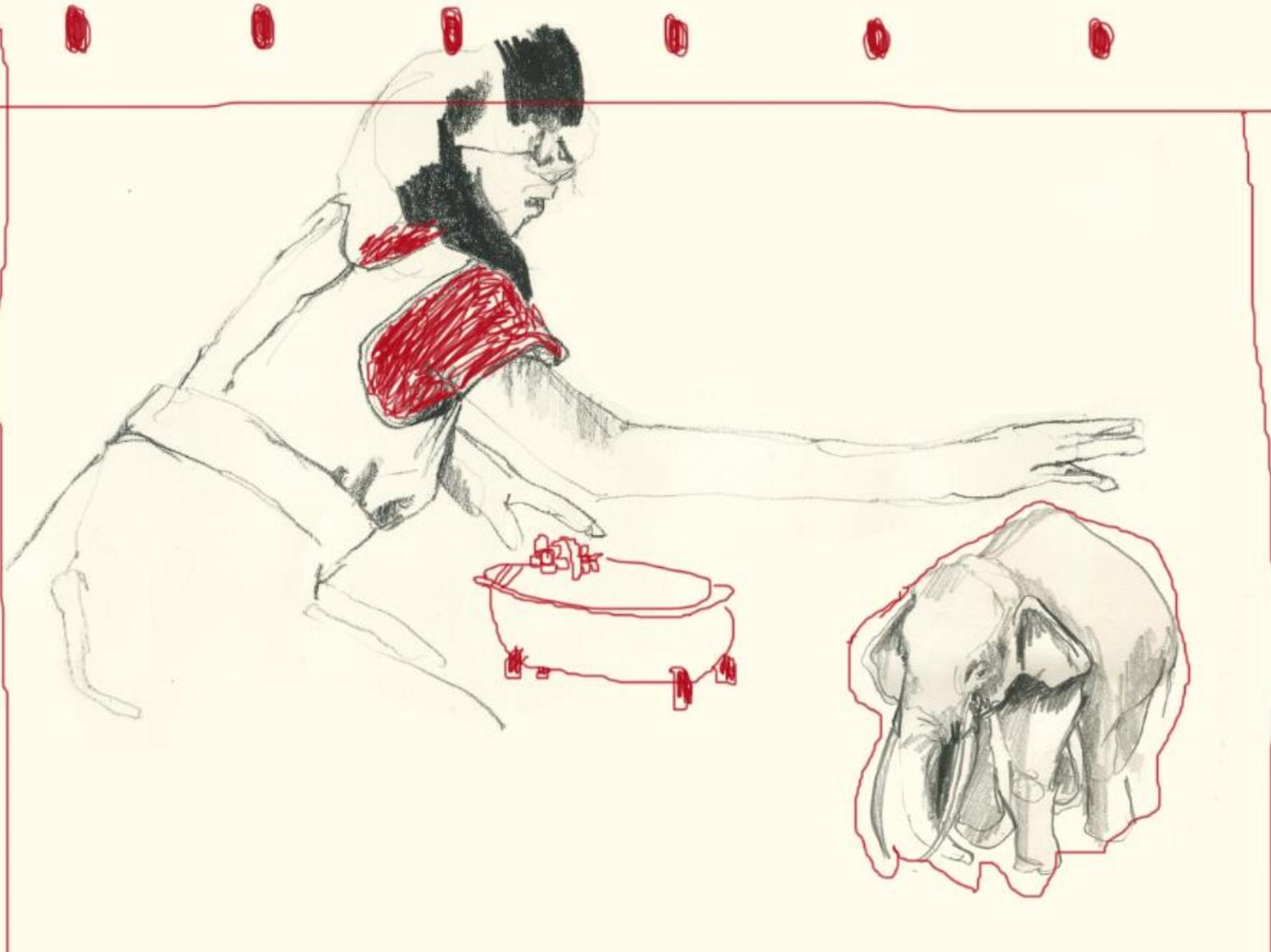
«E depois? O que aconteceu?», perguntou a Sofia.

«Onde é que eu ia...Ah! Já sei! O Mudo disse-me que Cego tinha pisado uma lesma e foi aí qu.....«Desculpa! Disseste uma lesma?!», gritou Sofia, pálida.

«Sim, uma lesma... e foi aí que eu...». «Não quero saber do resto da história! Façam as malas, vamo-nos embora...Quando comprei esta floresta foi-me prometido que não havia lesmas aqui... Quem são eles para pensarem que enganam a Sofia?...» «Mas para onde vamos, Sofia?», perguntou Cego.

«Sei lá eu... mas aqui não ficamos de certeza.». E assim partiu Sofia num passo acelerado de mãos dadas com Surdo e Mudo, levando Cego às cavalitas para não perder muito tempo.





O rato | Madalena Pronto

Querido Filho | Carolina Machado

Catarina Silva

O rato

Ilustração de Catarina Silva | Narrativa de Madalena Pronto

O chão de azulejo molhado reflete a ténue luz branca que nos ilumina. A minha mãe dá-me banho e cada gesto que faz é propositadamente vagaroso. Esfrega-me as costas, mergulha a esponja na água morna e repete o processo, incessantemente. Eu deixo-me ficar calado e muito quieto como se de um ritual se tratasse. O cheiro a sabão azul e branco enche a casa de banho, deixando no ar um odor doce que se mistura com as palavras pronunciadas por trás da porta fechada.

– Quero jantar!

A minha mãe prossegue a cerimónia e não responde. Finge ignorar os impropérios proferidos perante o obstinado silêncio, finge ignorar os meus súbitos tremores nervosos que fazem oscilar a água da banheira. Passa a esponja pelos meus braços, plácida e serena.





Ouve-se uma pancada forte na porta.

– Não me ouviste da primeira vez? Responde!

– Mamã... – Um pedido de desesperada súplica sobrepõe-se à minha coragem infantil.

Ela olha-me nos olhos e vejo neles uma força selvagem, indomável; de revolta. Ela olha-me nos olhos, mas eu sei que não me vê. Os pensamentos orgulhosos toldam-lhe a visão por completo. A porta abre-se e bate na parede, o som do estrondo vibra no ar semelhante a um chicote. O meu pai entra, ela não se move, permanecendo de costas voltadas para ele e de esponja na mão.

– Ah, estás ocupada. Não sabia. – Diz isto com uma certa repulsa e constrangimento, como se acabasse de assistir a uma cirurgia de peito aberto e a imagem do sangue e das vísceras o deixasse nauseado.

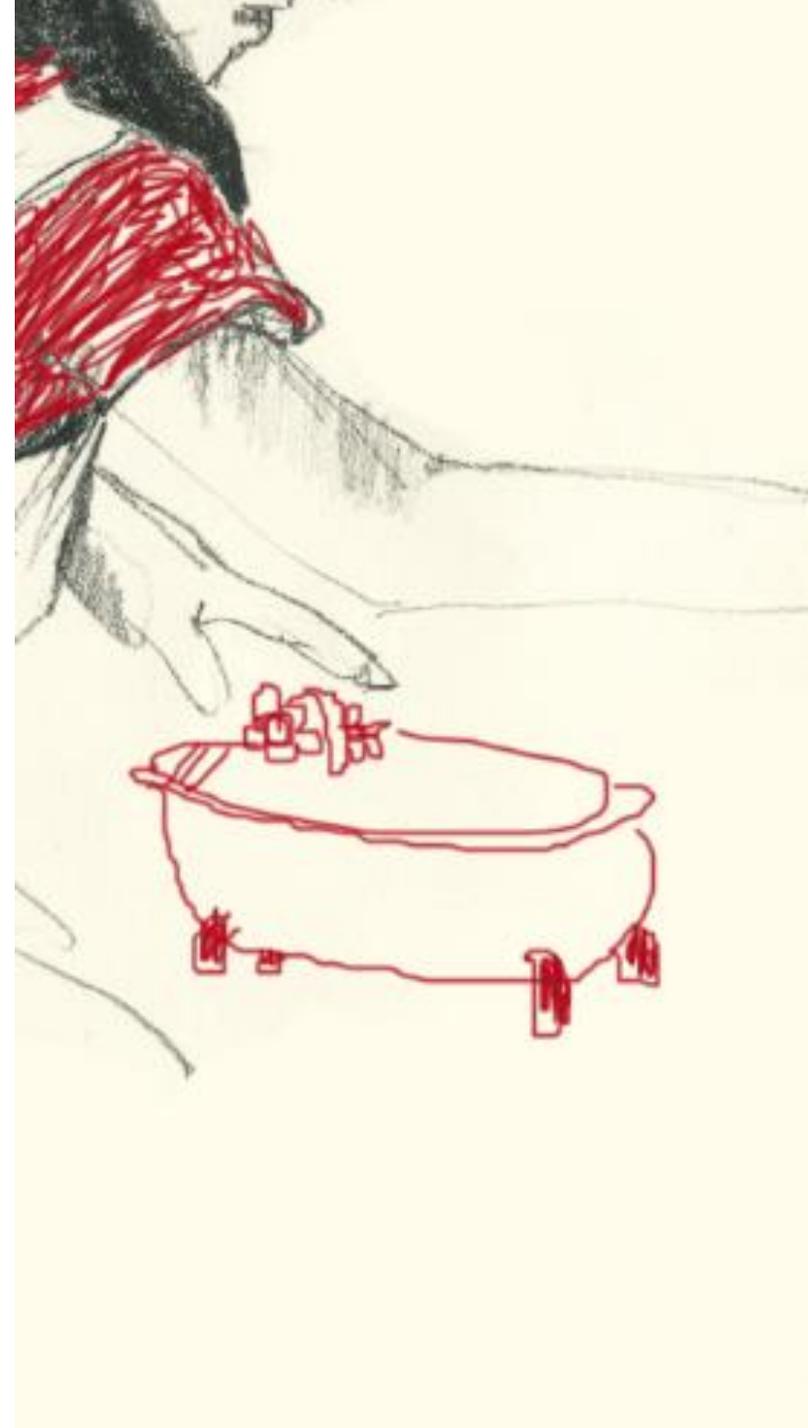
«Quero ser pequenino, quero ser invisível.», penso. E penso que, aos olhos do meu pai, esta é uma verdade absoluta. Sou efetivamente tão transparente

como a água que me rodeia, pois ele não olha uma única vez na minha direção ou sequer faz menção de se dirigir a mim. Imponente, continua a observar a minha mãe; espera um sinal concreto de que ela entendeu o pedido. Tenho frio, muito frio. Enrolo-me todo em mim mesmo e ouço as gotas que se desprendem dos meus cabelos caírem na água, de forma ritmada.

– Já vou... Já vou, está bem?

Ele não responde, sai e fecha a porta com a mesma violência com que a abriu. O peso que me pressionava os pulmões alivia, respiro. A minha mãe agarra a toalha e envolve-me nela; depois abraça-me. Um abraço demorado, sincero. O calor volta lentamente ao meu corpo.

Penso neste episódio da minha vida, mas poderia lembrar-me de muitos outros idênticos. Era pouco o tempo que o meu pai passava em casa, mas, quando acontecia, fazia questão de evitar a minha presença e de apenas se dirigir a mim



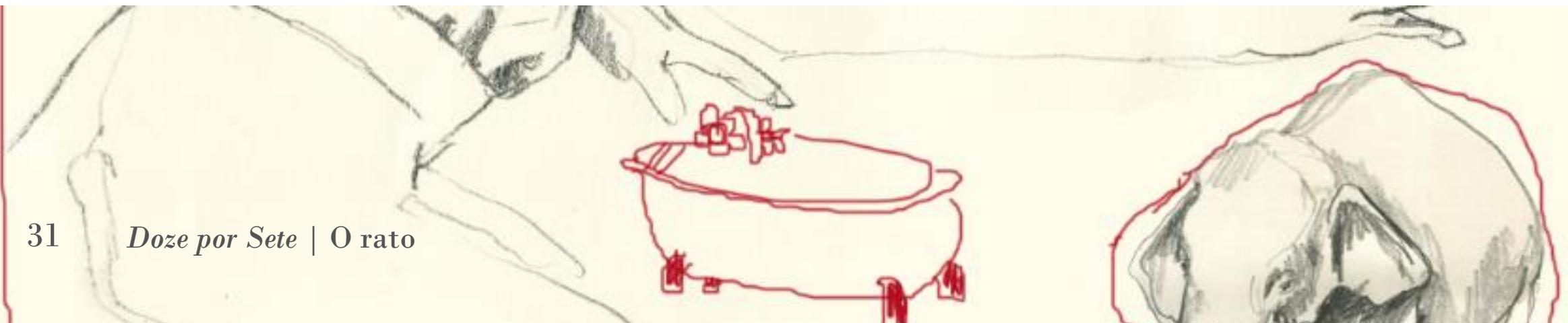


quando fosse realmente imprescindível. Na altura, encarava-o como um gigante terrível, poderoso, indestrutível e julgava que, aos olhos dele, eu provavelmente não passava de um inseto insignificante. Contudo, com o passar dos anos, ganhei uma nova perspetiva e aprendi muito, incluindo uma famosa expressão inglesa deveras apropriada, que agora me vem à mente:

The elephant in the room

De forma abreviada, é uma frase que denuncia o facto de alguém ignorar uma verdade óbvia ou um problema grave por resolver; ou seja, fingir que não vê um animal de proporções tão gigantescas como as de um elefante, numa sala. E isto, de forma bastante irónica e triste, poderia ser uma espécie de perfeita alegoria da nossa conturbada relação.

No fim de contas, eu era a personificação de tudo aquilo que o meu pai odiava: o fim da liberdade, a prisão das responsabilidades familiares. Seria sempre o filho indesejado, o fedelho que lhe consumia a juventude e lhe roubava as esperanças de uma vida melhor. Eu era a criatura colossal, a realidade inegável, o elefante – a cria de um rato amedrontado.



Querido filho

Ilustração de Catarina Silva | Narrativa de Carolina Machado

São horas do banho, não fujas. O Balu já chegou. Flutuando na água, de barriga para o ar ficou. Sempre gostaste de te atrasar, chamo-te vezes sem conta e tu teimas em demorar. Querido filho. Ajoelhada aqui à beira ajudo-te a entrar, tantos risos soltas na água a chapinhar. São horas do banho, vem. Estou farta de esperar. Tenho a voz fraca, a cabeça a rodopiar. Querido filho, onde estás? Tantas noites mal passadas, que desassossego me chega.

Hoje tomei os comprimidos. Sinto o cérebro acelerado, os músculos adormecidos. O médico manda descansar, diz que me deite na cama, que evite pensar. Querido filho, porquê tanta demora? Os livros pesados na mochila e saíste porta fora. De sorriso nos lábios, do carro a acenar. O pai hoje leva-te à escola que a mãe tem de trabalhar. Esqueceste o almoço, tal era a pressa de sair. Sempre foste distraído, de um lado para o outro a rir.



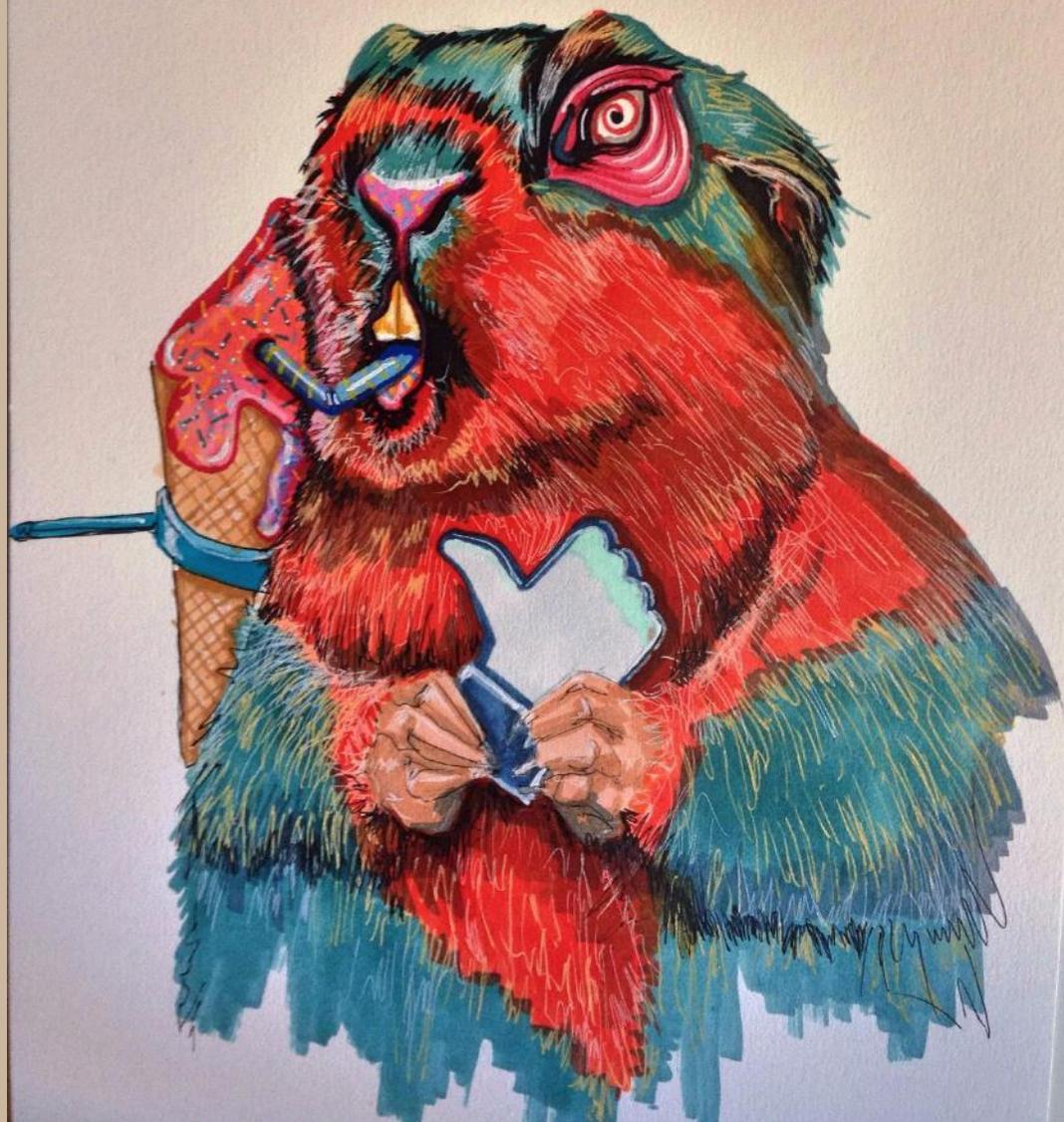


Quantas vezes me zanguei, numa preocupação excessiva, sem motivo me exaltei. Querido filho, desculpa-me. Tanto tempo perdido, horas passadas no quarto de castigo. Se pudesse adivinhar, quantas coisas mudaria, quanto tempo guardaria para nos braços te embalar.

Hoje pus aquele vestido. Mangas curtas vermelhas. Vou cuidar de ti, a água está quentinha, o Balu continua aqui. Querido filho, por onde andas? O sol já não se vê. O teu pai não me atende, pergunto-me porquê. Com o elefante de borracha sento-me no chão. Conto os minutos pelos dedos da mão. A água arrefeceu, o tempo gelou. Querido filho, que te aconteceu?

Oiço a porta de casa, serás tu a chegar? Corro na ânsia de te abraçar. É o senhor guarda; diz que lamenta. Cai-me o coração, as mãos a tremer. Rompe-se-me o peito, não voltarei a ver-te. Querido filho, a minha vida acabou. Foste embora e nada de mim restou.

A banheira está cheia, quase a transbordar. Querido filho, descansa, não terás mais de esperar. Dispo o vestido, trago o Balu comigo.



«Adoros» | Ângela Correia



«Adoros»

Ilustração de Rita Ravasco | Narrativa de Ângela Correia

A Celeste foi a primeira a chegar. Como de costume, o cheiro a mofo da roupa destoava do estilo perfeitamente alinhado com o estilo vigente entre os pares, e destoava até do perfume discreto, que se misturava com o cheiro forte a guarda-fatos húmido.

Depois chegou a Maria. Cabelo comprido, aloirado por longos dias na praia do Guincho, atado com displicência ao alto. As feições depuradas contrastavam com a simplicidade do vestido de algodão florido, tocando os tornozelos tismados. Olhava os colegas com dureza, como quem trespassa. Por trás da Maria, via-se uma corte de antepassados estranhando a presença dela naquele espaço.

E a seguir vieram a Regina e o João, com as pontas dos cabelos ainda molhadas, ambos; cheirando ambos a sabonete. Sentaram-se lado a lado, braços encostados entrelaçando-se

continuamente até às mãos, que foram cruzando e descruzando. Sorriam muito e franziam o sobrolho, esforçando-se por conseguir uma concentração que lhes era então difícil.

E finalmente juntou-se ao grupo o Pedro pedindo desculpa pelo atraso, perdera a noção do tempo na biblioteca. Calças de algodão bege e polo verde seco por cima das calças, de bom aspeto apesar dos anos, não se viam sinais de marcas comerciais, nem se notava nenhuma forma peculiar de uso. O Pedro tinha, na faculdade, a fama e o proveito de preferido dos professores. Entre os colegas, procurava passar despercebido, e estes, quando não o esqueciam, apontavam-lhe certa soberba, mas respeitosamente.

Todos se conheciam pouco, era a segunda vez que se reuniam por causa do trabalho de grupo para a cadeira de Literatura Portuguesa. A Maria esperou em silêncio que os cumprimentos terminassem para anunciar que precisava de se despachar em pouco tempo. Disse que tinha lido a folhinha distribuída na reunião anterior pela Celeste e que tinha achado tudo um disparate. Usou mesmo esta palavra: disparate. E usou-a com indiferença, como se ela não estivesse armada.





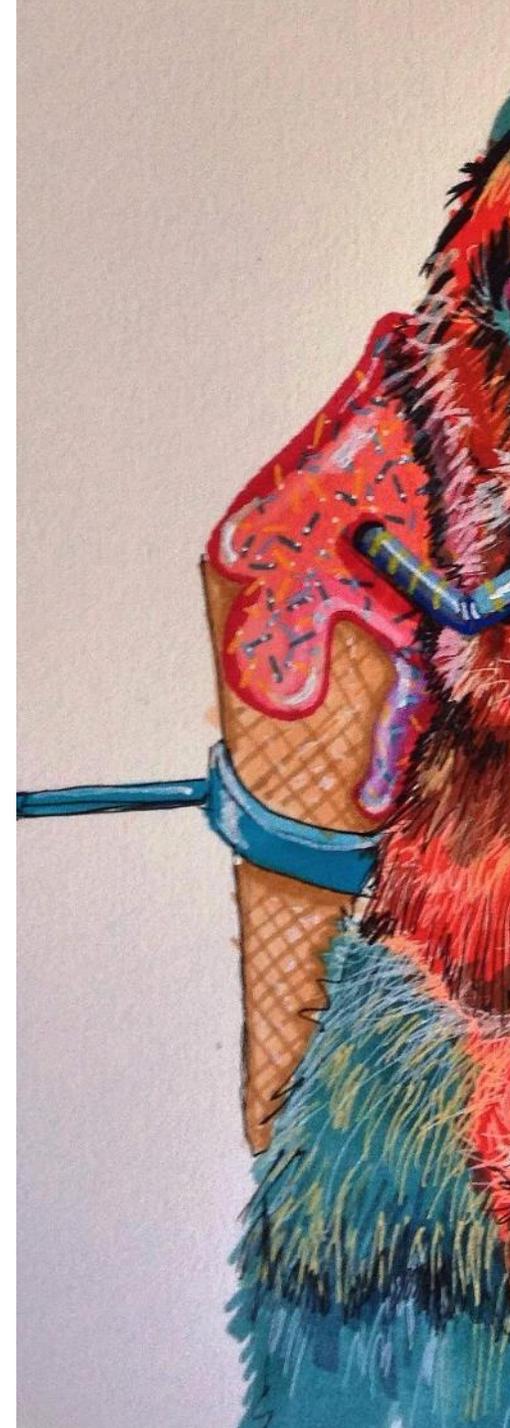
A Celeste sentiu as lágrimas avançarem e bateu-se valentemente contra elas, enquanto os ombros encolhiam por baixo da blusa cheirando a mofo. Não havia sombra de fúria na expressão; apenas vergonha e vontade de se justificar.

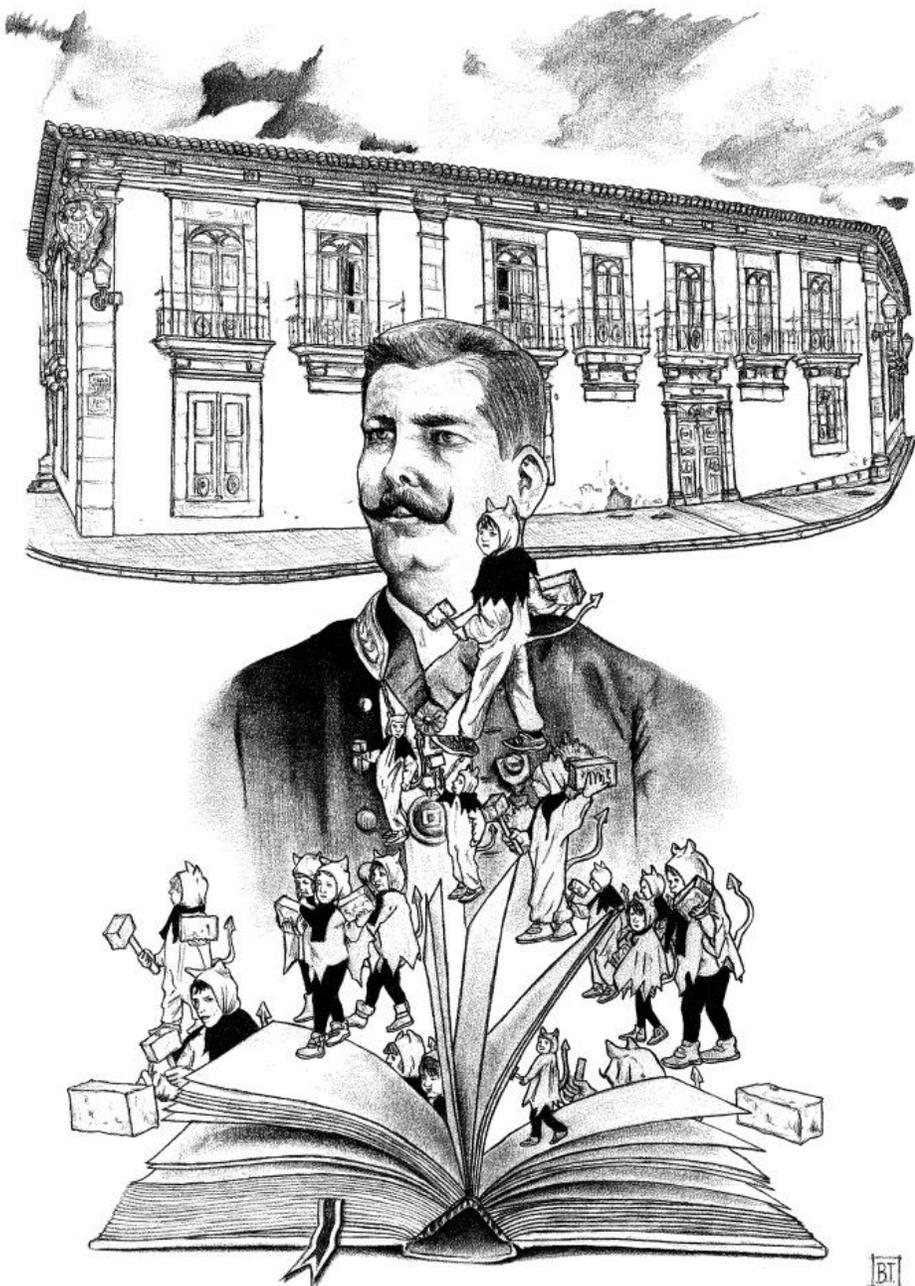
A Maria ignorou o pesado silêncio que se seguiu e avançou propondo para o trabalho uma abordagem inovadora e crítica da bibliografia recomendada pelo professor. O Pedro opôs-se dando a entender que não estava disposto a ser penalizado na nota por confrontar a opinião do professor. A Maria irritou-se, acusando-o de cobardia e subserviência, e a Celeste viu a oportunidade de fazer uma aliança valiosa, defendendo a importância de terem uma boa nota. A Maria voltou a ignorá-la, desta vez com impaciente enfado. O Pedro mostrou-se embaraçado com a concordância da Celeste, e recusou-lhe o olhar.

O João, sobretudo necessitado de mostrar à Regina que sabia defender uma opinião, fez notar que o trabalho já estava quase todo feito na folhinha da Celeste. Que a Celeste tinha tido muito trabalho com aquilo, e que o grupo seria parvo se não aproveitasse. O Pedro olhou de repente só para ele, esforçando-se por manter a voz controlada e baixa:

– Só se quiseres pôr o professor a gozar connosco...

Trinta anos depois, a Celeste lembrou o episódio, quando o Facebook lhe sugeriu a amizade do Pedro, que ele aceitou prontamente. A Celeste emocionou-se com o gesto remoto do antigo colega, e apressou-se a correr todos os *posts* do Pedro, desde o mais recente ao mais antigo, onde ainda se via um Pedro sem muitos cabelos brancos, parecido com a memória que dele tinha naquele longínquo episódio. Em cada *post*, sem exceção, a Celeste deixou um «adoro», e deixou-se tentar pela ideia de comentar entusiasticamente. Mas nunca cedeu à tentação.



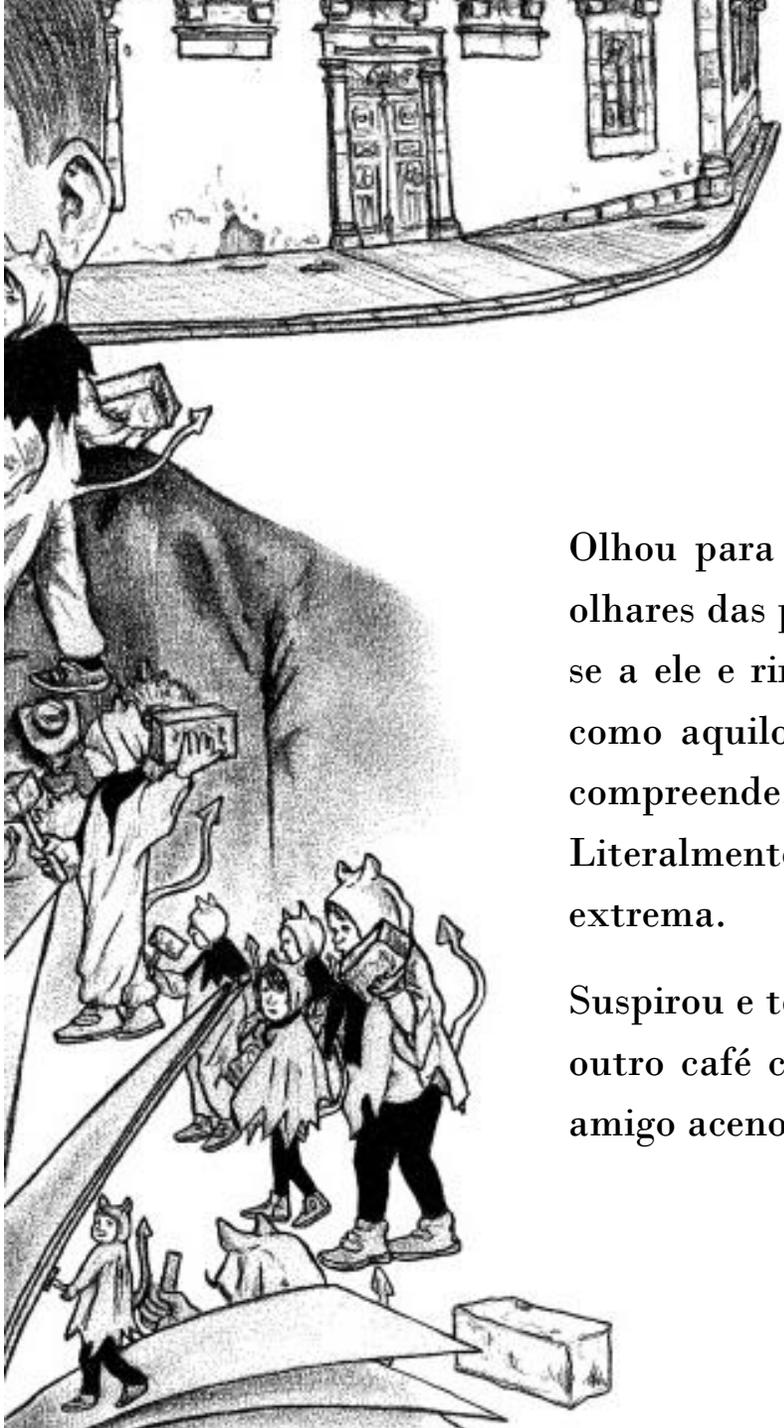


Bruno Maio

BT
16

Só | Érica Fialho

O mar de rosas | Mélanie Pedreira



Só

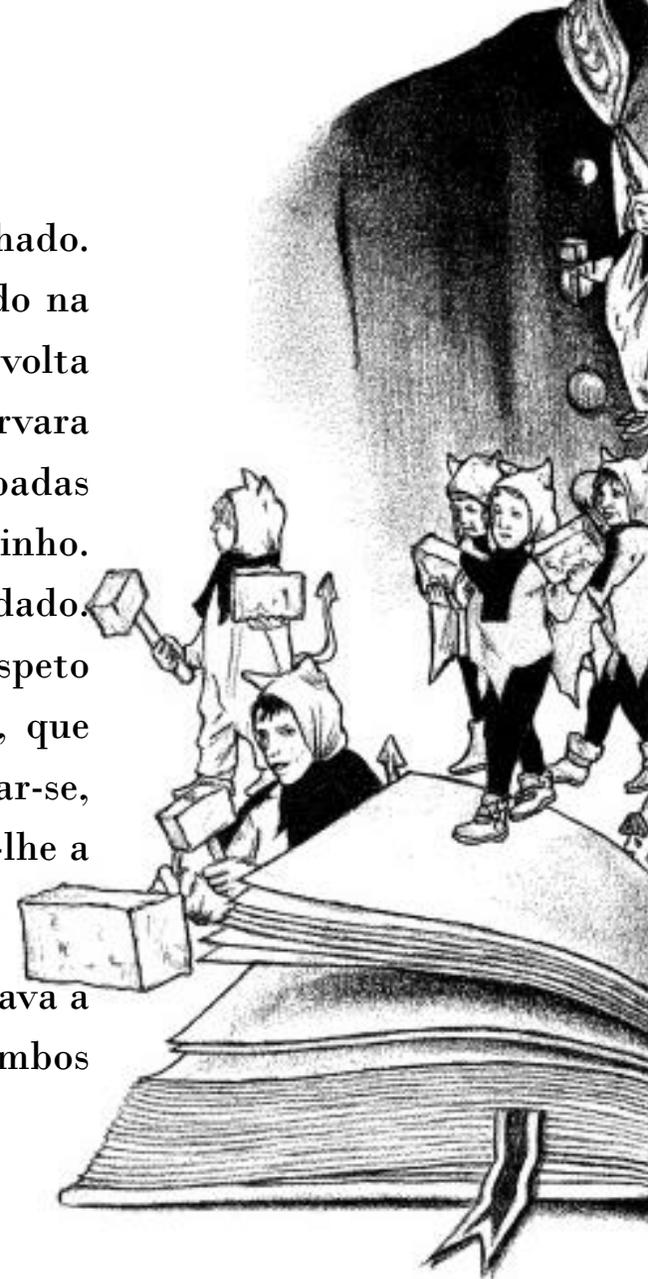
Ilustração de Bruno Maio | Narrativa de Érica Fialho

Olhou para o amigo e riu-se. Ah, como aquela gargalhada lhe fizera bem. Não interessavam os olhares das pessoas. Não, aquela gargalhada fez com que o dia se tornasse melhor. O amigo juntou-se a ele e riram até não poderem mais, até as bochechas ficarem dormentes e a barriga doer. Ai, como aquilo lhe fizera falta. Não sabia o que seria dele se não fosse o amigo. É o único que o compreende. O único que lhe dá atenção. O único que ouve aquilo que o incomoda. O único. Literalmente o único. Não existe mais ninguém na vida dele. É o único que o impede da solidão extrema.

Suspirou e tocou com os dedos no bigode, enrolando depois as pontas. Chamou o empregado. Pediu outro café com cheirinho, como sempre fazia, e olhou para o amigo aguardando uma decisão. O amigo acenou confirmando o pedido.

Pegou no livro que trouxera consigo, entusiasmado por mostrar ao amigo o novo achado. Encontrara aquele livro na livraria antiga ao fundo da rua. Lembrava-se bem de ter entrado na livraria e ter ouvido a campainha tocar. A senhora ao balcão sorria-lhe e ele sorria de volta enquanto retirava o chapéu. Atravessara a livraria deserta e dirigira-se para um canto. Observara as prateleiras de cima a baixo. Fechara os olhos e passara a mão delicadamente pelas lombadas dos livros. Um estrondo à direita fizera-o abrir os olhos, sobressaltado. Continuava sozinho. Olhara então para o chão e vira o livro caído. Baixara-se para o agarrar. Abrira-o com cuidado. Enquanto folheava as páginas, tinham começado a crescer nelas pequenas pessoas de aspeto invulgar. Contara uma, duas, três, quatro, cinco, seis... 16 pessoas pequenas com caudas, que lembravam o diabo, e pequenos martelos nas mãos. Ah, afinal 17. Um começou a aproximar-se, tocou-lhe no casaco e escalou até chegar ao queixo, pendurou-se no bigode, e pum. Martelou-lhe a ponta do nariz. Arregalara os olhos e fechara o livro rapidamente.

O empregado pousou um café em frente dele e afastou-se. Olhou para o amigo enquanto abanava a cabeça e suspirava. Chegou-se para a frente e empurrou um café na direção do amigo. Ambos





pegaram na respetiva chávena, tragaram o café e voltaram a pousar a chávena. Olhou o amigo nos olhos enquanto empurrava o livro para a frente.

– Diz-me que vês o mesmo que eu!

O outro pegou no livro e ele susteve a respiração. Novamente saíram, de dentro do livro, 17 pessoas pequenas. Olhou em volta para ver se alguém os observava; felizmente não. Olhou nos olhos o amigo, que assentiu com a cabeça. O livro foi fechado e pousado na mesa. Retornaram às chávenas bebendo aquilo que restava. Levantaram-se deixando o dinheiro em cima da mesa. Chapéu resposto na cabeça, saíram do café.

Lá dentro, o empregado voltou à mesa para recolher o dinheiro e a loiça. Pegou na chávena vazia e olhou pela porta do café. O sol descia no horizonte, acabando o dia numa tarde amena. Os pássaros cantavam e as árvores abanavam. Viam-se no chão enormes sombras de tudo. Mas, no meio da estrada, apenas uma sombra humana: a do senhor, que caminhava ao lado do amigo.



O mar de rosas

Ilustração de Bruno Maio | Narrativa de Mélanie Pedreira

O céu começou a escurecer e as crianças regressaram a casa, depois de um dia de brincadeira. Suadas e esfomeadas correram para o colo da mãe aos gritos. A D. Lurdes já quase ensurdecera com tanto grito.

– Mãe, mãe, temos fome!

– Tenham calma, filhos; a D. Lurdes está quase a acabar de fazer a janta. Pfuu... vocês tresandam! Agora comem e depois vou tratar de vos dar banho.

– Não! Não quero! Depois do jantar, vamos brincar! – Replicou o irmão mais velho, com um ar autoritário.

– Tem de ser, filho. Brincam amanhã, outra vez...

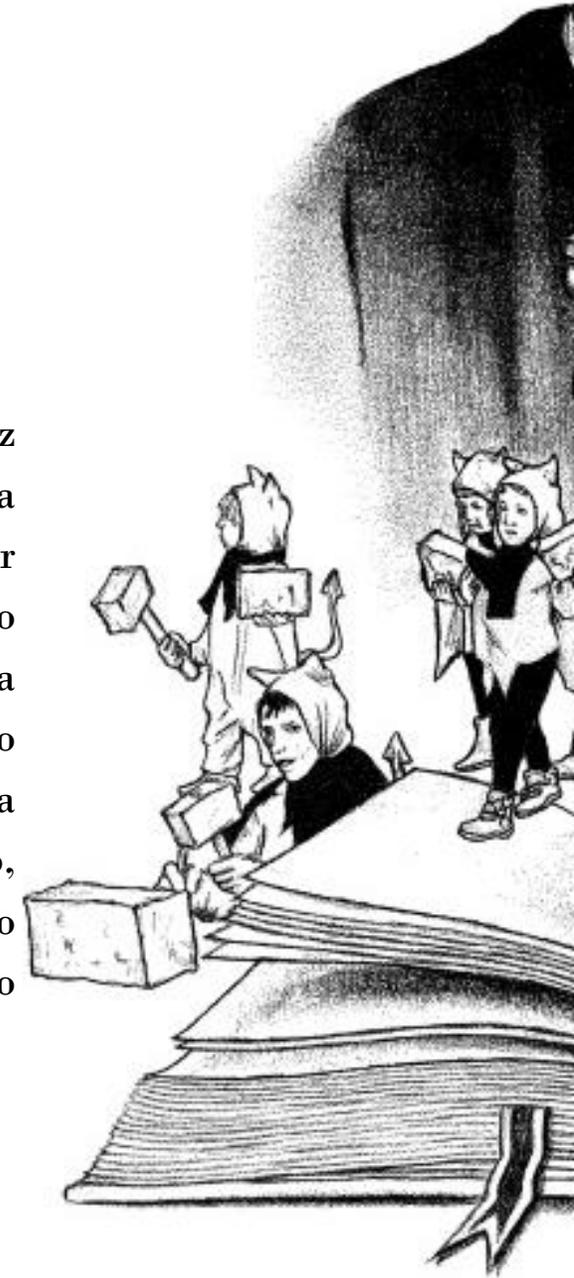
– Hum... – sorriu maliciosamente – mas depois podes contar-nos uma história, mãe?

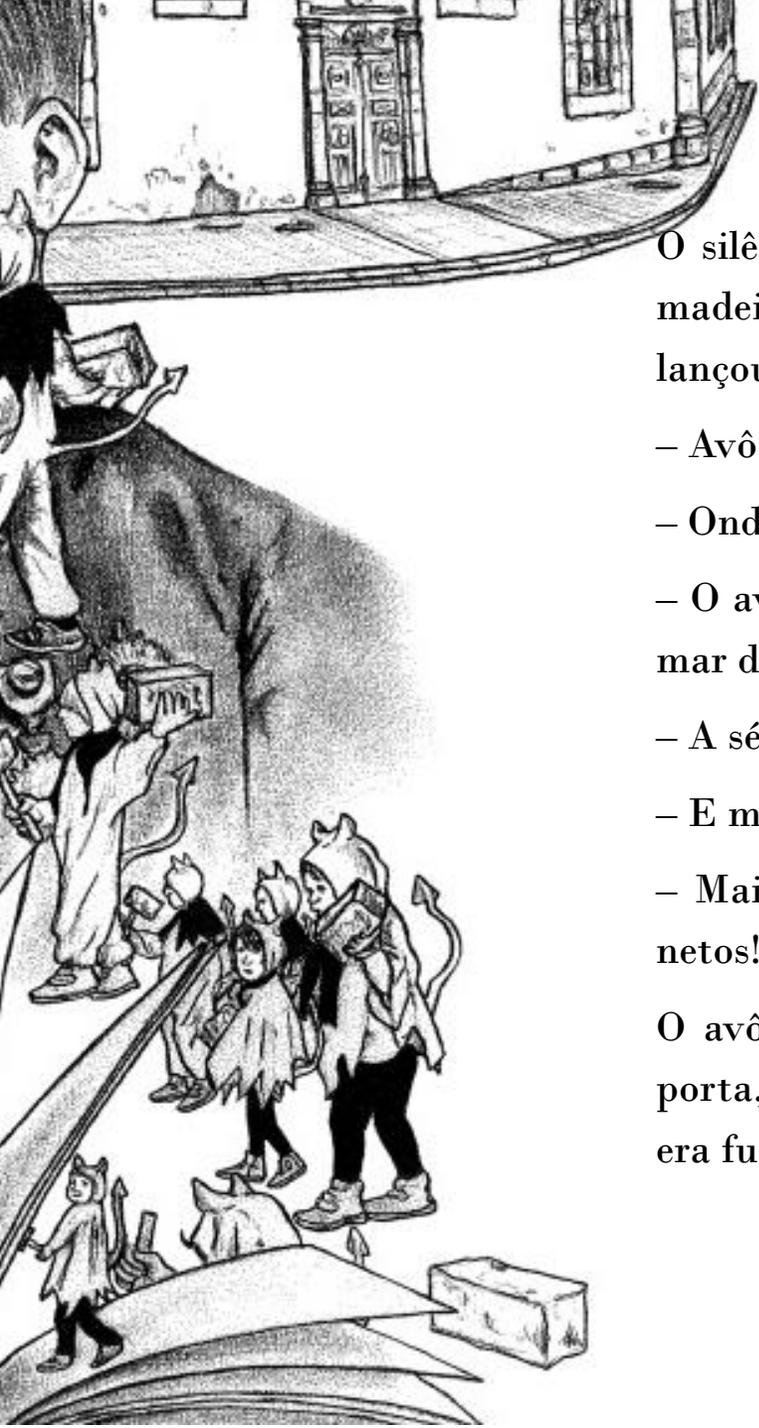
– Sim! Sim! – Retorquiu o irmão mais novo.

– Hum... a mãe não sabe se hoje pode.

– Tu também nunca podes!... Estás sempre a trabalhar. Se pelo menos o avô ainda cá morasse...

A mãe do João e do Francisco engoliu em seco e mudou rapidamente o tema da conversa. A voz grosseira da D. Lurdes avisou entretanto que a janta estava pronta. As crianças correram para a mesa e sentaram-se próximas uma da outra. Levaram umas garfadas à boca, recusaram-se a comer tudo e amuaram em frente aos pratos. O arroz de pato estava divinal, o que se notava pelo silêncio na sala de jantar da família Gomes. Mas este não era provocado apenas pelos dotes culinários da D. Lurdes, nem pelo amuo recentemente habitual das crianças. Causava-o sobretudo a tensão entre os pais do João e do Francisco. Já tinham passado cinco dias desde que o Diniz tinha deixado de falar com a mulher. Ela tinha um feitio complicado; quando achava que tinha razão, não mudava de opinião. E o Diniz, por mais compreensivo que pudesse ser... bolas!, tratava-se do pai dele. Um pai é um pai. Por mais teimoso e embirrento que pudesse ser, era o seu pai e não tinha outro. Não podia tomar partido.





O silêncio foi interrompido por passos pesados que fizeram estalar levemente a escadaria de madeira. Os miúdos espreitaram e correram empolgados atrás do barulho. A mãe de ambos lançou um olhar ao marido, que logo desviou o olhar dele para o arroz a arrefecer no prato.

– Avô, avô! Voltaste!

– Onde andaste?! Sentimos a tua falta.

– O avô esteve no Mar de Rosas. Lá tudo é mais calmo. Os adultos não discutem e tudo é um mar de rosas; vocês sabem como é; o avô já vos contou tantas vezes...

– A sério?!! Mas conta mais, avô, encontraste o Sr. Algodão Doce Amarelo?

– E montaste os cavalos de asas? – Perguntou o irmão mais velho entusiasmado.

– Mais ou menos; não tive tempo para procurar todos, estava cheio de saudades dos meus netos!

O avô abraçou os netos com muita força e estes não reclamaram. Por entre a abertura da porta, o Diniz espreitava. Estava emocionado; sabia que o avô Fantasia, como lhe chamava, era fundamental na vida dos filhos. Mais atrás, a mãe dos miúdos também espreitava.

Preparava-se para se fazer ouvir; sabia que não queria encontrar-se com o teimoso do sogro, mas tinha de ser.

– Meninos, vamos tomar banho?

– Ai mãe, não... – Disse o João com enfado.

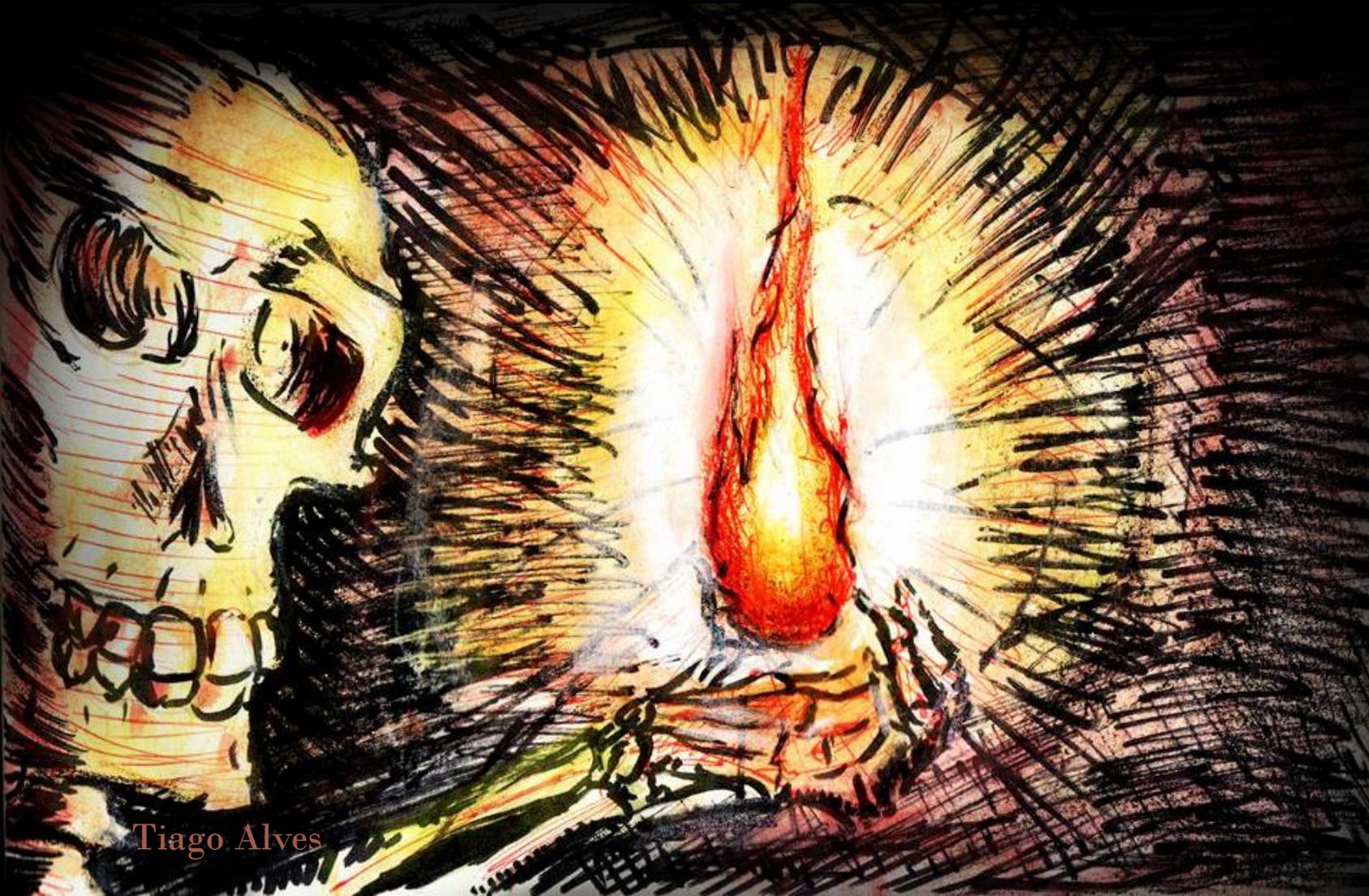
– Vão lá tomar banho, que eu também tenho de ir andando. – Disse o avô olhando de lado para a mãe.

– Não, avô, não vás! Fica cá em casa! – Disse o irmão mais velho.

– Avô, quero ir contigo para o Mar de Rosas; lá a mãe e o pai falam de certeza um com o outro, e tu podes ficar connosco. Lá tudo é possível; não é o que tu dizes?

O silêncio voltou.





Tiago Alves

Duelo | Matilde Silva

E ai de ti que fumes! | André Pereira



Duelo

Ilustração de Tiago Alves | Narrativa de Matilde Silva

17 de outubro

Tenho visto a morte. Olho para o meu avô e ela ali está; fala-lhe todos os dias, sussurrando-lhe ao ouvido, mas ele só coça as orelhas. Ela dá-lhe a mão e ele esfrega-as uma na outra para afastar aquele frio que as empederniu. Há dias em que ela, que talvez seja uma oradora eloquente, quase o leva a segui-la. Sei-o, porque, de vez em quando, ele fraqueja e abandona-se ao sofá demasiado cansado, deitando para trás o corpo e para a frente um suspiro. A gravidade, colega da morte, puxa-o e ele diz que sim, que talvez vá com ela.

Contudo, no dia a seguir, lá está ele na sala a discorrer sobre aquela vez em que foi à Tailândia e, com apenas vinte e um anos, se perdeu no caos amistoso a que ainda hoje associa o fresco cheiro a erva-príncipe. A partir do aroma lembra-se do picante saboroso das sopas e dos caldos, vigiados por pequenas mulheres, espalhados por

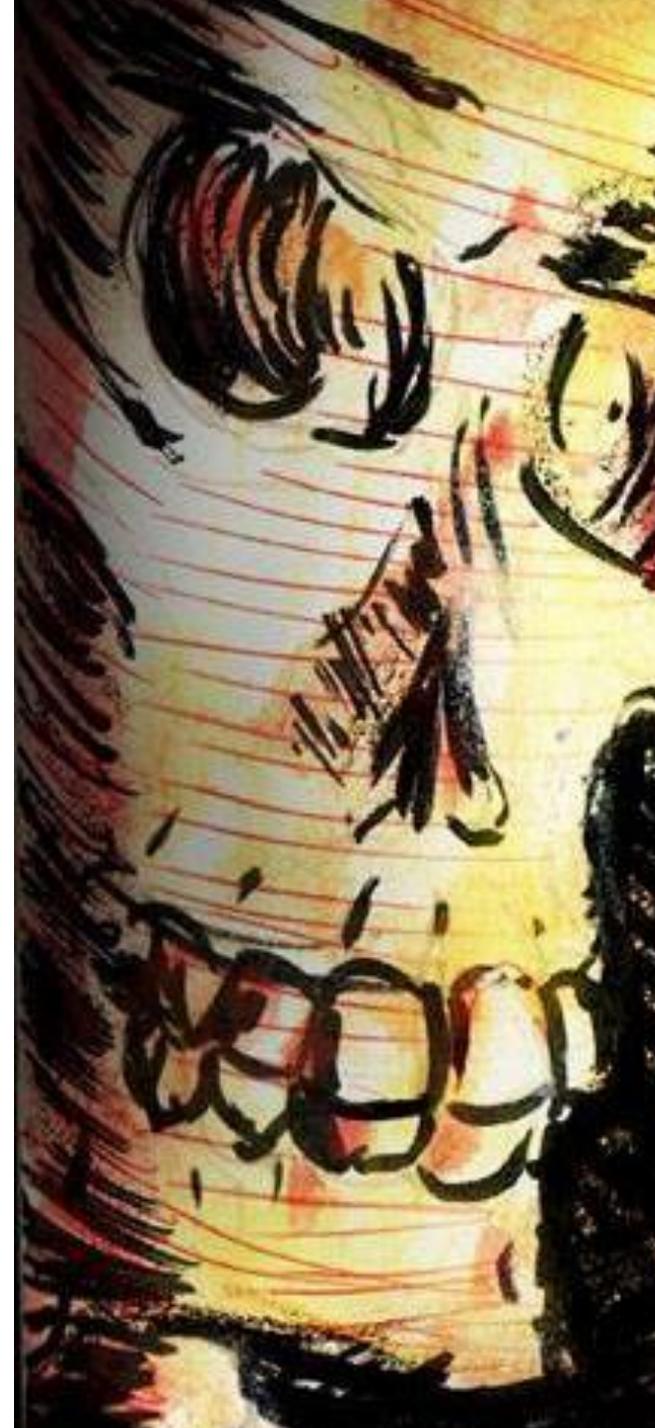
bancas multiplicadas pelas ruas. Diz-me que um dia gostava de lá ir comigo, o coração é que já não deixa... Portanto, a morte ainda não o convenceu e ele acaba por não a seguir. Conhecendo-o, sei que apenas a teimosia dele o impede de vacilar. Conta-me que na escola era o que tinha mais resistência e era o último da turma a parar de correr. Mas confessa que, na verdade, corria os últimos quilómetros já com o ar a passar duro pelos pulmões, sem conseguir controlar bem as pernas e a suar ao ponto de mal sentir calor. Apenas quando parava, a cara se avermelhava a uma velocidade incrível, e então, sim, o calor que irradiava da pele parecia queimar mais que o sol.

Levava-se ao limite, só para não desistir.

20 de outubro

Tenho visto a morte. Olho para o meu cão e ela, ao lado, olha para mim. Não sei se ele a consegue cheirar, mas sei que não lhe ladra. Saberá porventura que não se deixa intimidar?

Quando eu era criança e me levavam às lágrimas, costumava correr para o quintal para o abraçar. Envolver-me no pelo seco reconfortava-me, assegurava-me de que alguém me compreendia, e as lambidelas, mais ansiosas que de costume, distraíam-me.





Tinha a certeza de que ele arreganharia os dentes à morte se a apanhasse a observar-me, mas agora vejo-o dormente e questiono-me.

Algumas lágrimas abeiram-se-me nos olhos. Caem. Sei que a morte apenas existe, tal como eu, mas as pequenas gotas não me percebem e têm dificuldade em seguir o meu raciocínio. Só conhecem o caminho da gravidade, tal como o meu avô e o meu cão. Afinal, o nosso acabar é deixarmos de nos distinguir daquilo que pisamos.

25 de outubro

Tenho visto a morte, mas hoje de manhã também a ouvi. Lembro-me dele estendido na maca, horizontal como o bip contínuo.



E ai de ti que fumes!

Ilustração de Tiago Alves | Narrativa de André Mâncio*

«Quando é que descobriste?», perguntou enquanto estendia um maço amarfanhado que tirou do bolso da camisa.

Ele era alto e magro. As mangas da camisa estavam arregaçadas até aos bíceps tatuados. Com o cabelo que restava nas têmporas e na nuca simulava uma poupa enrijecida pelo excesso de gel. A constituição e a pele pálida que esverdeava as tatuagens tornavam ridículo todo o figurino.

Não aceitei a oferta. E ai de ti que fumes, pensei. Com o dedo do meio endireitou os óculos de sol. Enquanto prendia um cigarro entre os dentes, num sorriso, acendeu um fósforo. Manteve o fósforo aceso durante alguns segundos, e a pouca luz que existia na divisão foi atraída para a chama que se moveu lentamente até à cara dele. Sentou-se na

*André Mâncio escreve de acordo com a ortografia anterior ao Acordo de 1990.

cadeira em frente da minha e pousou os cotovelos sobre os joelhos. «Vá, diz lá. Quando é que descobriste?» «Quando é que descobri o quê? Que consigo fazer as coisas que faço?» «E que coisas é que fazes?» «Pelos vistos já sabe; porque é que pergunta?» Soprei para longe o fumo que vinha na minha direcção. «Também não consigo explicar. São poderes, pronto!»

O canto direito da boca dele levantou-se e deixou escapar um riso contido. «Então conta-me lá... Quando é que descobriste esses... poderes?» Tentei respirar fundo e acabei por respirar fumo. «Ok. Não sei bem quais são as regras da coisa. Só sei que consigo desde sempre tudo o que quero. Lembro-me de estar no infantário e de pensar que queria muito que pessoa tal fosse minha amiga, e rapariga tal fosse minha namorada. Olhava para essa pessoa com muita força e era garantido.»

Estendeu o dedo indicador para me calar enquanto acendia outro cigarro. Com a voz de bocejo que os fumadores têm quando prendem o fumo nos pulmões, disse «desculpa interromper», exalou, «mas isso não é um poder. És um gajo ambicioso e consegues aquilo que queres. Isso também eu! Se safar gajas fosse um poder eu era o Batman!» «O Batman não tem poderes. Para além de que não faço só isto.»





Reclinou-se nas costas da cadeira e soltou uma gargalhada. «És esperto, tu. Tens uma imaginação fértil demais, mas és esperto. Fazes mais o quê?» «Não consigo explicar bem... posso dar exemplos.» «Dá lá um exemplo, então.» As palavras eram acompanhadas pelo fumo que saía da boca e do nariz.

«A primeira vez foi no recreio. Estava a olhar para uma colega de quem gostava e um miúdo chegou ao pé dela e levantou-lhe a saia. Por momentos deixei de ver. Tinha a cabeça a rebentar e ouvia crianças a gritar. Quando comecei a ver; aos poucos, levantei-me. Tinha caído. O puto estava estendido no chão e agarrava a cabeça enquanto gritava. As funcionárias socorreram-no, mas ninguém deu por mim. Estava do outro lado do recreio». Endireitou as costas. O cigarro já estava no fim mas ele continuava a mastigá-lo.

«Na praia, o mesmo miúdo cuspiu-me para a cara e enquanto lhe enfiava a fronha na areia comecei a perder a respiração». Fiz uma pausa enquanto ele se inclinava para a frente e tirava os óculos. «Há pessoas que acabam por se afastar de mim. Já perdi amigos que não me faziam falta. Um dizia «lol», em vez de se rir, outro deitava o fumo do cigarro para a cara das pessoas...».

Ficámos os dois calados. Estava sério. Levantou-se, arregaçou as mangas que tinham deslizado, passou o pente pelo cabelo e sorriu. Tirou um cigarro do maço, que mais uma vez estendeu na minha direcção, e prendeu-o nos lábios.

No fim, acendeu um fósforo.



Doze por sete

Ilustrações

Bruno Maio
Catarina Silva
Inês Caldas
Pedro Ferreira
Rita Ravasco
Tiago Alves

Narrativas

Adelina Morais
Ana Horta
André Mâncio
Ângela Correia
Carolina Machado
Catarina Conde

Érica Fialho
Helena Gonçalves
Luís Silva
Madalena Pronto
Matilde Silva
Mélanie Pedreira

2016

BIBLIOTRÓNICA
PORTUGUESA

Edição de Ângela Correia